

A SUBTRIBO PLEUROTHALLIDINAE (ORCHIDACEAE) NO PARQUE ESTADUAL DE IBITIPOCA, MINAS GERAIS, BRASIL¹

LUIZ MENINI NETO*, RUY JOSÉ VÁLKA ALVES** &
RAFAELA CAMPOSTRINI FORZZA***

* Departamento de Botânica, ICB, Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Universitário, Bairro Martelos, 36036-090 - Juiz de Fora, MG, Brasil. menini_net@hotmail.com.

** Departamento de Botânica, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, s.n., São Cristóvão, 20940-040 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

*** Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Pacheco Leão 915, 22460-030 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Abstract – (The subtribus Pleurothallidinae (Orchidaceae) from the Parque Estadual de Ibitipoca, Minas Gerais – Brazil). The Parque Estadual de Ibitipoca (PEIB), in Southeastern Minas Gerais, presents a mosaic of vegetation types, including forests and “campos rupestres”. During the present survey of the species in subtribe Pleurothallidinae we recorded four genera with a total of 24 species. *Pleurothallis sensu lato* was the richest with 13 species, followed by *Octomeria* and *Stelis*, with five species each, and *Masdevallia* with only one species. Most of the taxa were epiphytes inside forests, with six also occurring on forest edges, in transition with or within the campo rupestre. The geographic range of the species shows a new occurrence for the flora of Minas Gerais and emphasizes the link between the orchid flora from the studied area and the Atlantic Forest. Descriptions and identification keys of the genera and species are presented, along with illustrations and comments.

Resumo – (A subtribo Pleurothallidinae (Orchidaceae) no Parque Estadual de Ibitipoca, Minas Gerais – Brasil). O Parque Estadual de Ibitipoca (PEIB), situado no sudeste do estado de Minas Gerais, apresenta em sua área um mosaico de formações vegetais, onde o campo rupestre ocupa a maior extensão, sendo entremeado por áreas florestais. Em um levantamento da subtribo Pleurothallidinae foram registradas 24 espécies distribuídas em quatro gêneros: *Pleurothallis (sensu lato)* foi o mais numeroso com 13 espécies, seguido por *Octomeria* e *Stelis*, com cinco espécies cada, e *Masdevallia* com apenas uma espécie. A grande maioria dos táxons foi encontrada como epífita no interior de floresta. Apenas seis espécies também foram registradas na borda das matas, na transição do campo rupestre com a mata ou no campo rupestre. O estudo da distribuição geográfica revelou um novo registro para a flora de Minas Gerais e ampliou o conhecimento sobre a distribuição de muitas espécies, destacando a semelhança da flora de Orchidaceae da área estudada com áreas da floresta atlântica. São apresentadas descrições e chaves de identificação dos gêneros e espécies, comentários e ilustrações.

Key words: “campo rupestre”, Atlantic rain forest, cloud forest, flora.

Introdução

O Parque Estadual de Ibitipoca (PEIB), situado no sudeste do estado de Minas Gerais, apresenta em sua área um interessante mosaico de formações vegetais, das quais o campo rupestre ocupa a maior extensão (Salimena-Pires 1997, Rodela 1998). O Parque é a menor unidade de conservação do estado que tem o campo rupestre como sua principal formação (Vitta 2002), sendo também uma das Unidades de Conservação mais visitadas no Brasil. Na segunda edição do Atlas para a conservação da biodiversidade de Minas Gerais, a Serra do Ibitipoca figura entre as áreas prioritárias para a conservação no estado,

citada na categoria de importância biológica especial, o nível mais alto adotado (Drummond *et al.* 2005).

Desde o século XIX há relatos de vários naturalistas que percorreram a Serra de Ibitipoca, como Auguste de Saint-Hilaire (Saint-Hilaire 1822), Carl August Wilhelm Schwacke, em 1896 (Urban 1906) e Álvaro Astolfo da Silveira, no ano de 1912 (Silveira 1928). Geraldo Mendes Magalhães coletou, na Serra de Ibitipoca, material que viria a ser parte de uma listagem preparada por Ferreira & Magalhães (1977), a primeira realizada para a área, contendo 48 espécies distribuídas em 15 famílias. No fim da década de 1960, o Padre Leopoldo Krieger, então professor da Universidade Federal

¹ Parte da dissertação de mestrado do primeiro autor, desenvolvida no programa de pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica) do Museu Nacional/UFRJ.

de Juiz de Fora, iniciou a coleção base para a Flora da Serra de Ibitipoca, ampliando-a ao longo das décadas seguintes (Salimena-Pires 1997). Desde então, alguns trabalhos que enfocam a flora do PEIB foram realizados, apresentando listas de espécies ou tratamentos taxonômicos para algumas famílias (Forzza *et al.* 1994, Andrade & Sousa 1995, Fontes 1997, Rodela 1998, Carvalho *et al.* 2000, Menini Neto & Forzza 2002, Milward-de-Azevedo 2007).

Orchidaceae possui aproximadamente 20.000 espécies distribuídas por todo o planeta (Dressler 1993), apresentando alta diversidade no neotrópico (Christenson 2004). O Brasil abriga cerca de 2400 espécies (Barros 1996), distribuídas pelos vários ecossistemas, não sendo diferente nos campos rupestres, de modo que muitas vezes figura entre as famílias de maior diversidade (Harley & Simmons 1986, Giulietti *et al.* 1987, Peron 1989, Alves 1991, Pirani *et al.* 1994, 2003, Stannard 1995, Zappi *et al.* 2003).

A subtribo Pleurothallidinae apresenta cerca de 4000 espécies distribuídas em aproximadamente 30 gêneros, predominantemente epífitas, com distribuição exclusivamente neotropical (Luer 1986a), possuindo dois centros de diversidade, as florestas nebulares da cordilheira andina e montanhas da América Central, sendo também bem diversificada na floresta atlântica, na costa do Brasil.

O objetivo deste trabalho foi inventariar as espécies da subtribo Pleurothallidinae ocorrentes no Parque Estadual de Ibitipoca, de maneira a ampliar o conhecimento da flora da Unidade e de Minas Gerais, bem como contribuir para o melhor entendimento da taxonomia e distribuição geográfica das espécies do grupo.

Material e métodos

Área de estudo

O PEIB está situado nos municípios de Santa Rita de Ibitipoca e Lima Duarte, entre as coordenadas 21°40'-21°44'S e 43°52'-43°55'W (Fig. 1). Inicialmente abrangia uma área de 1488 ha da Serra de Ibitipoca, ampliada para 1923,5 ha no ano de 2004 a partir de novas medições. A Serra de Ibitipoca faz parte do Complexo da Mantiqueira, cujo relevo caracteriza-se por escarpas altas ou colinas com altitudes variáveis entre 1200 e 1800 m (CETEC 1983). A área do PEIB apresenta-se como uma ilha, com altitudes destacadas de seu entorno, no qual predominam colinas mais baixas (Rodela 1998). Possui cotas altimétricas médias de 1500 a 1600m, sendo o ponto mais baixo em torno de 1200m de altitude, e estando o ponto culminante, a Lombada ou Pico do Ibitipoca, na vertente oeste, aos 1784m de altitude. Na vertente leste, localiza-se o segundo ponto mais alto do Parque, o Pico do Pião, aos 1721m de altitude (Rodela 1998). O relevo do Parque é bastante escarpado, com paredões e grutas por toda a área. Destacam-se, no relevo, duas *cuestas*, uma a leste (onde se encontra o Pico do Pião) e outra a oeste (onde se encontra a Lombada), inclinadas para o interior do vale, onde correm o rio do Salto e o

córrego da Mata (Corrêa Neto 1997), que se aprofunda para o sul, em direção à queda da cachoeira dos Macacos. O clima da região é classificado como Cwb (classificação de Köppen): mesotérmico úmido, com verões amenos e invernos secos. A precipitação anual média é de 1532 mm e a temperatura média de 18,9 °C (CETEC 1983).

As formações vegetacionais do PEIB apresentam-se como um mosaico, havendo várias propostas de denominação de seus tipos. Andrade & Sousa (1995) dividiram o Parque em quatro formações básicas: campo gramíneo, campo rupestre, campo com arbustos e arvoretas (com predominância da Asteraceae conhecida popularmente como candeia – *Eremanthus erythropappus* (DC.) MacLeish) e capões de mata. Salimena-Pires (1997) diferenciou seis tipos vegetacionais: campo rupestre (senso estrito), campo rupestre arborizado, campo gramíneo-lenhoso, mata de galeria, floresta estacional semidecidual montana e brejo estacional. Rodela (1998) apresentou uma divisão em sete tipos vegetacionais no Parque: remanescentes de floresta estacional semidecidual montana, floresta ombrófila densa altimontana, mata ciliar e capão de mata, cerrado de altitude, campo rupestre, campo herbáceo-gramíneo e campo encharcável. Por outro lado, Fontes (1997) classificou as florestas do interior do Parque como ombrófilas densas ou nebulares.

Trabalho de campo e laboratório

Foram realizadas coletas bimestrais durante dois anos, entre outubro de 2003 e outubro de 2005. Os espécimes coletados foram incorporados ao herbário CESJ, com duplicatas nos herbários R e RB. As identificações e os dados sobre distribuição foram obtidos a partir de análise das coleções dos herbários BHCB, CESJ, HB, MBM, OUPR, RB, SP, SPF e VIC (acrônimos segundo Holmgren *et al.* 1990) e consulta às obras de Cogniaux (1893-1896), Pabst & Dungs (1975) e Rodrigues (1877, 1882) e World Checklist of Monocots (2004). As informações sobre forma de vida e ambiente foram retiradas das etiquetas dos espécimes ou observadas durante os trabalhos de campo. As descrições e ilustrações foram baseadas apenas no material procedente do Parque.

Resultados e discussão

No PEIB foram registradas 24 espécies distribuídas em quatro gêneros: *Pleurothallis sensu lato* é o mais diverso com 13 espécies, seguido de *Octomeria* e *Stelis*, com cinco espécies cada, e *Masdevallia* com apenas uma espécie. A grande maioria das espécies foi encontrada como epífita no interior das florestas nebulares – ou florestas ombrófilas densas (Fontes 1997) – destacadamente na Mata Grande. Este resultado era esperado, e está de acordo com Pridgeon (1982) que aponta este tipo de ambiente como o principal habitat dos representantes desta subtribo. A existência destas áreas de mata no interior do Parque explica a alta diversidade

da subtribo em uma região onde a vegetação predominante é o campo rupestre. Apenas seis espécies são também encontradas nas bordas de mata, em transição com o campo (*Octomeria* aff. *rubrifolia*, *O. wawrae*, *Pleurothallis rubens* e *Stelis parvula*) ou no campo rupestre (*O. alpina*, *P. johannensis* e *P. rubens*). O modo de vida epifítico também é o mais difundido entre as espécies e, segundo Gentry & Do-

dson (1987), os quatro gêneros registrados no Parque estão entre os maiores gêneros de angiospermas epífitas.

Analisando a distribuição geográfica das espécies pode-se observar um padrão evidente, no qual a grande maioria das espécies está distribuída dentro do domínio atlântico. Exceções a este padrão são *Pleurothallis johannensis* e *P. modestissima*, que ocorrem preferencialmente nos campos rupestres de Minas Gerais.

Chave para os gêneros e espécies de Pleurothallidinae ocorrentes no PEIB

1. Polínias 8; flores agregadas em fascículo; pétalas de tamanho e/ou forma semelhantes às sépalas *Octomeria*
2. Plantas com até 4 cm alt. 5. *O. aff. rubrifolia*
- 2'. Plantas maiores que 8 cm alt.
 3. Folhas semi-cilíndricas; sépalas e pétalas com ápice longo-acuminado, amarelas com estrias vináceas 6. *O. wawrae*
 - 3'. Folhas planas; sépalas e pétalas com ápice agudo, acuminado ou arredondado, amarelas, creme ou alvas.
 4. Ramicaule coberto por bainhas comprimidas lateralmente; sépalas e pétalas alvas com ápice acuminado 3. *O. diaphana*
 - 4'. Ramicaule coberto por bainhas tubulosas; sépalas e pétalas creme ou amarelas com ápice agudo ou arredondado.
 5. Folhas maiores que o ramicaule; fascículo 2-3-floro; sépalas e pétalas creme com ápice arredondado 4. *O. grandiflora*
 - 5'. Folhas menores que o ramicaule; fascículo 15-20-floro; sépalas e pétalas amarelas com ápice agudo 2. *O. alpina*
- 1'. Polínias 2; flores em racemo ou em inflorescência 1-flora; pétalas menores e com formas diferentes das sépalas.
 6. Inflorescência 1-flora; pedúnculo longo; sépalas caudadas 1. *Masdevallia infracta*
 - 6'. Inflorescência geralmente multiflora (se 1-2-flora, com pedúnculo curto); sépalas não caudadas.
 7. Coluna tão larga quanto longa ou mais larga do que longa; estigma apical, bilobado; antera apical *Stelis*
 8. Plantas com até 5 cm alt 24. *S. parvula*
 - 8'. Plantas maiores que 7 cm alt.
 9. Folhas elípticas.
 10. Sépala dorsal maior e de forma diferente das sépalas laterais; flores completamente verde-claras 23. *S. papaquerensis*
 - 10'. Sépala dorsal de tamanho e forma semelhante às sépalas laterais; flores com sépalas verde-acastanhadas, pétalas e labelo vináceo-acastanhados 22. *S. megantha*
 - 9'. Folhas oblanceoladas ou lineares.
 11. Folhas oblanceoladas; inflorescência excedendo o comprimento das folhas, mais de 30 flores por inflorescência; sépalas com a superfície adaxial lisa 20. *S. aprica*
 - 11'. Folhas lineares; inflorescência mais curta que as folhas, ca. 10 flores por inflorescência; sépalas com a superfície adaxial verruculosa 21. *S. intermedia*
 - 7'. Coluna mais longa que larga; estigma ventral, inteiro; antera ventral ou subapical *Pleurothallis*
 12. Planta com rizoma conspicuo, reptante ou subreptante.
 13. Planta pendente ou apressa ao substrato; folhas maiores que o ramicaule.
 14. Planta pendente, folhas assimétricas, sépala dorsal conata na base e conivente no ápice às sépalas laterais formando duas aberturas laterais 7. *P. cryptophoranthoides*
 - 14'. Planta crescendo apressa ao substrato, folhas simétricas, sépala dorsal conata na base, mas livre das sépalas laterais no ápice 16. *P. recurva*
 - 13'. Planta ereta ou declinada; folhas menores que o ramicaule.
 15. Planta epífita; inflorescência 1-flora 18. *P. saundersiana*
 - 15'. Planta saxícola ou terrestre; inflorescência multiflora 14. *P. modestissima*
 - 12'. Planta com rizoma inconspicuo; cespitosa.
 16. Inflorescência flexuosa.
 17. Inflorescência com floração simultânea, ou seja, todas as flores abertas ao mesmo tempo 13. *P. marginalis*

- 17'. Inflorescência com floração sucessiva, com apenas uma ou duas flores abertas por vez.
 18. Ramicaule mais longo que a folha; bainhas do ramicaule com margem ciliada (bainhas leparentiformes) 15. *P. quartzicola*
 18'. Ramicaule mais curto que a folha; bainhas do ramicaule com margem lisa 9. *P. hypnicola*
 16'. Inflorescência não flexuosa.
 19. Ramicaule lateralmente comprimido; pedúnculo e raque lateralmente comprimidos 19. *P. tricarinata*
 19'. Ramicaule cilíndrico, ou de secção triangular próximo ao ápice; pedúnculo e raque cilíndricos.
 20. Lâmina foliar cilíndrica 10. *P. johannensis*
 20'. Lâmina foliar plana.
 21. Inflorescência 1-2-flora 11. *P. luteola*
 21'. Inflorescência multiflora.
 22. Plantas até 6 cm alt.; inflorescência não excedendo em comprimento o ápice da folha; sépalas e pétalas com ápice longo acuminado 8. *P. heterophylla*
 22'. Plantas maiores que 10 cm alt.; inflorescência excedendo em altura o ápice da folha; sépalas com ápice agudo e pétalas com ápice agudo ou emarginado.
 23. Bainhas do ramicaule pintalgadas de vináceo; ramicaule cilíndrico na base e de secção triangular próximo à camada de abscisão da lâmina foliar; flores creme-esverdeadas matizadas de vináceo 12. *P. malachantha*
 23'. Bainhas do ramicaule sem pintas; ramicaule cilíndrico ao longo de todo o comprimento; flores amarelas 17. *P. rubens*

Masdevallia Ruiz & Pav.

Ervas epífitas, raramente saxícolas ou terrestres; ramicaule curto; folha coriácea; inflorescência emergindo abaixo da camada de abscisão da folha; sépalas com graus variados de coalescência, freqüentemente caudadas; pétalas pequenas, com um calo na margem, freqüentemente desenvolvido em um dente; labelo mais ou menos ligulado, articulado com uma projeção do pé da coluna; coluna cilíndrica, estigma ventral, inteiro, antera ventral, polínias 2, caudícula granulosa, pouco desenvolvida (Luer 1986a).

Masdevallia engloba cerca de 350 espécies, sendo encontrado do sul do México ao sul do Brasil. É um dos gêneros de maior diversidade da subtribo, atrás apenas de *Pleurothallis* s.l., *Lepanthes* e *Stelis* (Luer 1986b). Figura também entre os maiores gêneros de plantas epífitas (Atwood 1986, Gentry & Dodson 1987). Pabst & Dungs (1975) apontaram, para o Brasil, aproximadamente 23 espécies, das quais 12 foram posteriormente transferidas para o gênero *Dryadella* por Luer (1978).

1. *Masdevallia infracta* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl. 193. 1833.

Fig. 2 A-E.

Erva epífita, cespitosa, ereta ou declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde, 1-1,8 cm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas, tubulosas, ca. 1,5 cm compr., recobrimdo todo o ramicaule, as mais velhas desfiadas. Lâmina foliar verde-clara, espatulada, 5,5-11 x 1-1,3 cm, ápice tridentado. Inflorescência 1-flora, ereta ou levemente curva, axilar; pedúnculo 6,4-9,5 cm compr., de secção triangular;

brácteas do pedúnculo estramíneas, tubulosas, ca. 1 cm compr., amplexivas sobre o pedúnculo, ápice agudo; bráctea floral estramínea ou verde-clara, tubulosa, 1-2,3 cm compr., amplexiva sobre o pedicelo, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo 2,1-2,8 cm compr.; sépala dorsal amarela, côncava, cauda ca. 1,9 cm compr.; sépalas laterais externamente amarelas, internamente matizadas de ferrugíneo, ovais, ca. 1 x 1 cm, côncavas, cauda ca. 1,3 cm compr.; sinsépalo ventricoso, encurvado na base; pétalas creme, oblongas, ca. 1,5 x 0,5 cm, levemente assimétricas, carnosas, ápice apiculado; labelo creme com ápice matizado de amarelo-alaranjado, trilobado, ca. 5 x 2 mm, carnoso, lobos laterais levemente oblongos, ápice eroso, lobo mediano suborbicular; coluna creme, ca. 6 mm compr., levemente alada próximo ao ápice, ápice eroso, pé da coluna ca. 2 mm compr., carnoso, levemente curvo; antera esférica, ventral, creme; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 4 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Brasil, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, fl. cult. X.2004, fl., Menini Neto et al. 173 (CESJ, R, RB).

Distribuição geográfica: Bolívia e Brasil, na Região Sudeste e no Paraná.

Masdevallia infracta é a única espécie do gênero registrada para Minas Gerais. É uma espécie epífita, ocorrendo em ambientes com luminosidade média e umidade alta. No PEIB, foi encontrada apenas no interior da Mata Grande, formando uma população de tamanho relativamente grande com várias touceiras. Pode ser diferenciada das demais espécies registradas no Parque, pela inflorescência 1-flora, pedúnculo longo de secção triangular, ramicaule curto, flor grande em relação às demais espécies da subtribo, com sépalas coales-

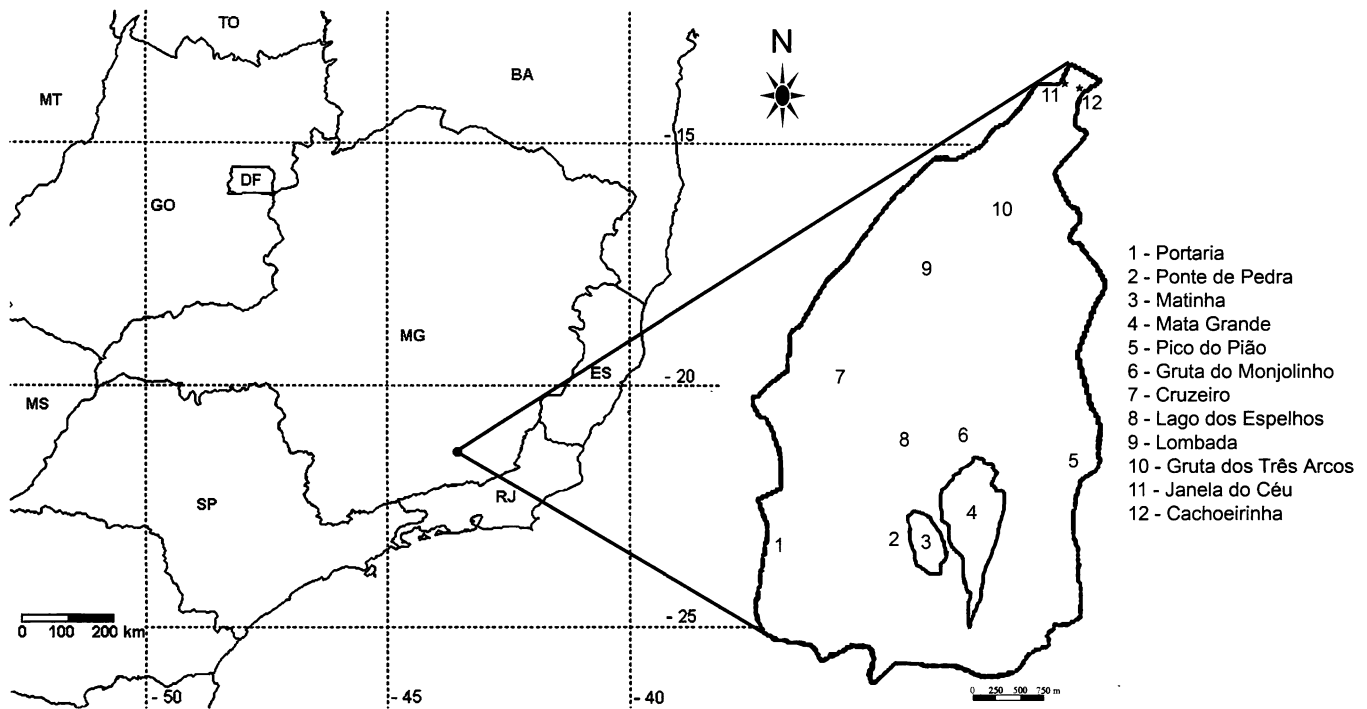


Fig. 1. Localização do Parque Estadual de Ibitipoca e destaque dos principais pontos de coleta na área.

centes, envolvendo as demais peças do perianto, terminadas em caudas afiladas.

Octomeria R. Br.

Ervas epífitas ou rupícolas. Folhas planas, cilíndricas ou tríquetras. Flores simples, agrupadas em um fascículo que emerge lateralmente próximo ao ápice do ramicaule; sépalas usualmente iguais entre si, livres, as laterais podendo ser parcial ou quase inteiramente coalescentes; pétalas grandes, similares às sépalas; labelo trilobado, com um par de lamelas no disco, a base presa ao pé da coluna; coluna cilíndrica ou semicilíndrica, com pé da coluna desenvolvido, antera usualmente subapical; estigma inteiro, ventral; polínias 8, caudícula granulosa, pouco desenvolvida (Luer 1986a).

Octomeria possui cerca de 150 espécies, amplamente distribuídas na região neotropical, com a grande maioria concentrada no sudeste do Brasil (Luer 1986a). Pabst & Dungs (1975) estimaram que cerca de uma centena de espécies sejam encontradas no Brasil.

2. *Octomeria alpina* Barb. Rodr., Gen Sp. Orchid. 2: 102. 1881.

Fig. 2 F-J.

Erva epífita ou saxícola, cespitosa, ereta. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 4,5-20 cm compr.; bainhas do ramicaule, estramíneas, tubulosas, 1-7,8 cm compr., amplexicaules, recobrimdo todo o ramicaule, im-

bricadas, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escura, elíptica, 6,3-14 x 1,1-2 cm, coriácea, ápice tridentado. Fascículo 15-20-floro, espata ca. 7 x 5 mm, oval, ápice agudo; bráctea floral estramínea, tubulosa, ca. 5 mm compr., amplexiva sobre o pedicelo, membranácea, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 5 mm compr.; sépala dorsal amarela, lanceolada, ca. 1,1 x 0,3 cm, ápice agudo; sépalas laterais amarelas, lanceoladas, ca. 1,1 x 0,3 cm, levemente assimétricas, ápice agudo; pétalas amarelas, elípticas, ca. 1,1 x 0,25 cm, ápice agudo; labelo amarelo com duas máculas atroxináceas no disco, de âmbito elíptico, ca. 6 x 3 mm, lobos laterais dolabriformes, eretos, antrorsos, ápice arredondado, lobo mediano oval, ápice tridentado; coluna amarela, cilíndrica, ca. 3 mm compr., pé da coluna ca. 1 mm compr., carnoso, reto; antera sub-esférica, amarela; polínias amarelas, claviformes; ovário ca. 4 mm compr. Fruto imaturo verde, ca. 1,2 cm compr.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, mata próximo a Lagoa Seca, IV.1994, fr., *Forzza et al. 53* (CESJ); mata da Gruta do Pião, 9.III.2004, fl., *Menini Neto et al. 138* (CESJ, R, RB); mata da Gruta dos Três Arcos, 9.III.2004, fl., *Menini Neto et al. 140*, (CESJ, R, RB).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul do Brasil (exceto Rio Grande do Sul).

Octomeria alpina pode ser observada em vários pontos do Parque. É uma espécie epífita de interior ou borda de mata, sendo raramente observada como rupícola no campo rupestre. Embora seja parte integrante de um grupo deno-

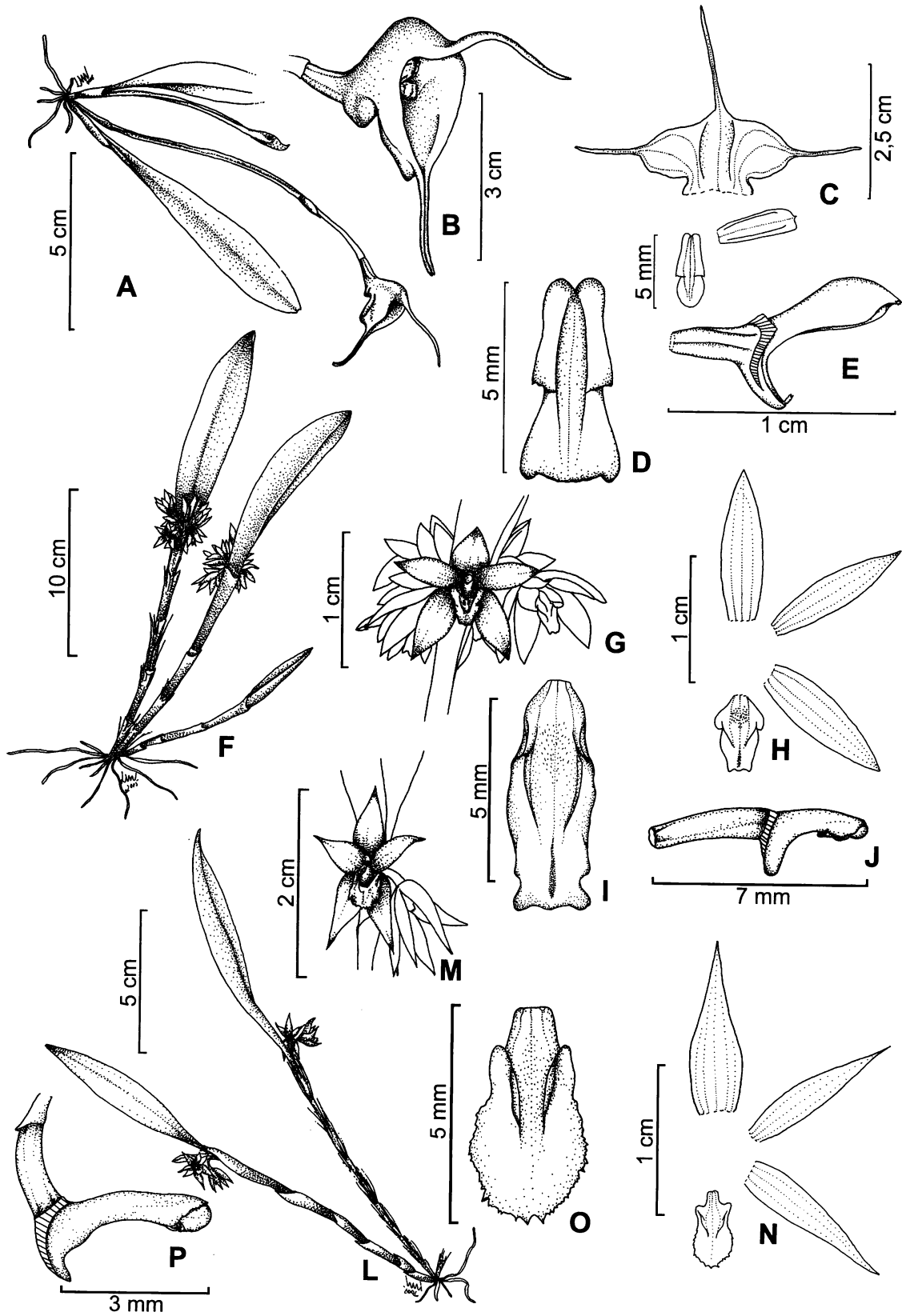


Fig. 2. A-E. *Masdevallia infracta*. A: Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E: Coluna e ovário. F-J. *Octomeria alpina*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Coluna e ovário. L-P. *Octomeria diaphana*. L: Hábito. M: Flor. N: Perianto dissecado. O: Labelo. P: Coluna e ovário (A-E. Menini Neto et al. 173, F-J. Menini Neto et al. 138, L-P. Menini Neto et al. 111).

minado por Pabst & Dungs (1975) de Alliance *Octomeria crassifolia*, composto por táxons de difícil delimitação, é de fácil diferenciação das demais espécies do gênero ocorrentes no Parque. São plantas mais robustas que as demais, com ramicaules mais grossos e folhas mais crassas, flores totalmente amarelas (exceto pelas duas máculas atrovináceas no labelo), reunidas em fascículos de 15 a 20 flores.

3. *Octomeria diaphana* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 25 (Misc.): 91. 1839.

Fig. 2 L-P.

Erva epífita, cespitosa, ereta ou declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde, 4,5-13,3 cm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas, comprimidas lateralmente, 0,8-3,3 cm compr., amplexicaules, recobrimdo todo o ramicaule, imbricadas, inteiras apenas nos ramicaules mais novos, nos demais desfiadas, ápice agudo. Lâmina foliar verde, estreitamente elíptica, 4,9-9,2 x 0,6-1,5 cm, cartácea, base canaliculada, ápice tridentado. Fascículo 3-5-floro, espata ca. 8 mm compr., oval, membranácea, ápice agudo; bráctea floral tubulosa, ca. 2 mm compr., membranácea, amplexiva sobre o pedicelo, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 7 mm compr.; sépala dorsal lanceolada, ca. 1,1 x 0,35 cm, creme, ápice acuminado, levemente reflexo; sépalas laterais lanceoladas, ca. 1,1 x 0,25 cm, creme levemente assimétricas, ápice acuminado, levemente reflexo; pétalas lanceoladas, ca. 1,1 x 0,2 cm, creme, levemente assimétricas, ápice acuminado, levemente reflexo; labelo de âmbito oboval, ca. 5 x 3 mm, região proximal violácea e distal creme, lobos laterais triangulares, eretos, ápice arredondado, lobo mediano suborbicular, margem denteada, ápice arredondado; coluna cilíndrica, alva, ca. 3 mm compr., engrossada próxima à base, pé da coluna ca. 2 mm compr., carnoso, curvo; antera sub-esférica, creme; polínias amarelas, claviformes; ovário ca. 2,5 mm compr., curvo. Fruto imaturo verde, fusiforme, ca. 1 cm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, 12.III.1994, fr., Forzza 89 (CESJ); idem, 6.II.2004, fl./fr., Menini Neto et al. 111 (CESJ, R, RB); idem, 19.III.2005, fl., Dias-Melo et al. 213 (RB).

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

Octomeria diaphana é uma espécie epífita de ambientes úmidos e luminosidade média. No PEIB, foi observada apenas na Mata Grande, formando grandes populações em ramos mais baixos de árvore e também em tronco caído de árvores de grande porte, entre musgos e outras epífitas. Diferencia-se das demais espécies principalmente por apresentar o ramicaule delicado, coberto por bainhas comprimidas lateralmente, 3 a 5 flores por fascículo, com sépalas e pétalas alvas e acuminadas. Forzza et al. (1994) e Menini Neto & Forzza (2002) citaram este táxon como *O. aff. fialhoensis* Dutra ex Pabst.

4. *Octomeria grandiflora* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 28: 64. 1842.

Fig. 3 A-E.

Erva epífita, cespitosa, ereta ou declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde, 4,4-15,2 cm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas, tubulosas, 1-6,5 cm compr., amplexicaules, ápice agudo ou acuminado, presentes apenas nos ramicaules mais jovens. Lâmina foliar verde, estreitamente elíptica, 10,8-18,5 x 1-1,3 cm, cartácea, ápice agudo. Fascículo 2-3-floro; bráctea floral tubulosa, ca. 2 mm compr., membranácea, amplexiva sobre o pedicelo e o ovário, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 4 mm compr.; sépala dorsal elíptica, ca. 1,3 x 0,6 cm, creme, levemente côncava, ápice arredondado; sépalas laterais elípticas, ca. 1,3 x 0,6 cm, creme, levemente côncavas, ápice arredondado; pétalas elípticas, ca. 1,3 x 0,6 cm, creme, levemente côncavas, ápice arredondado; labelo de âmbito quadrado, ca. 8 x 7 mm, creme-amarelado com uma faixa transversal vinácea entre os lobos laterais; lobos laterais dolabriformes, ápice arredondado, lobo mediano quadrado, 2-apiculado; coluna cilíndrica, ventralmente vinácea, dorsalmente creme, ca. 5 mm compr., pé da coluna ca. 2 mm compr.; antera sub-esférica, creme; polínias amarelas, claviformes; ovário ca. 2 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, Serra de Ibitipoca, 13.V.1970, fl., Krieger & Confúcio s.n. (CESJ 8603); idem, 2.XI.1973, fl., Krieger s.n. (CESJ 13196); PEIB, mata da Gruta dos Três Arcos, 17.X.1993, fl., Forzza et al. 63 (CESJ); mata da Gruta do Pião, 2.XII.2003, fl., Menini Neto & Alves 80 (CESJ); sem localidade, 25.III.2001, fl., Heluey & Castro 107 (CESJ).

Distribuição geográfica: Suriname, Trinidad, Bolívia e Paraguai. No Brasil ocorre no Amazonas, Amapá, Regiões Sudeste e Sul (exceto Espírito Santo e Rio Grande do Sul).

Octomeria grandiflora é uma espécie epífita, do interior de matas úmidas e sombreadas, tendo sido observada em vários pontos no PEIB, principalmente nas áreas acima de 1300 m de altitude. Embora *O. alpina* seja a *Octomeria* de porte mais robusto registrada no Parque, *O. grandiflora* apresenta os ramicaules e as folhas mais longos dentre as espécies do gênero na área, sendo outras características distintivas a lâmina foliar elíptica, 1 a 3 flores por fascículo e sépalas e pétalas creme, de ápice arredondado.

5. *Octomeria aff. rubrifolia* Barb. Rodr., Gen. Spec. Orchid. 1: 31. 1877.

Fig. 3 F-J.

Erva epífita, cespitosa, ereta. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde, 0,8-2,3 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, tubulosas, ca. 4 mm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde, adaxialmente pintalgada de vináceo, elíptica, 0,8-1,5 x ca. 0,2 cm, carnosa, ápice agudo. Fascículo 1-floro; bráctea floral tubulosa, ca. 1

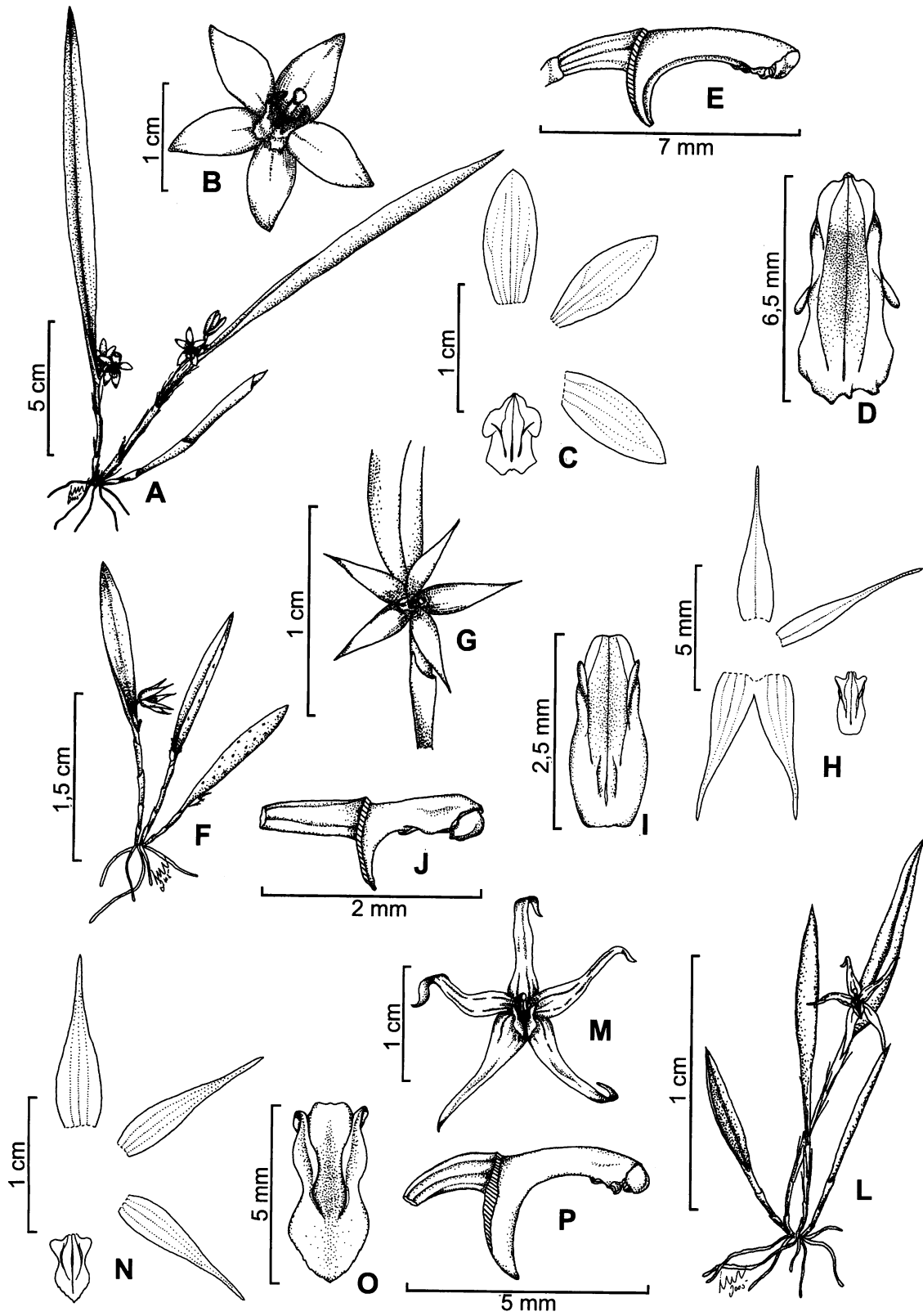


Fig. 3. A-E. *Octomeria grandiflora*. A: Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E: Coluna e ovário. F-J. *Octomeria aff. rubrifolia*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Coluna e ovário. L-P. *Octomeria wawrae*. L: Hábito. M: Flor. N: Perianto dissecado. O: Labelo. P: Coluna e ovário (A-E. Menini Neto & Alves 80, F-J. Menini Neto et al. 40, L-P. Menini Neto et al. 168).

mm compr., membranácea, amplexiva sobre o pedicelo e o ovário, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 2 mm compr.; sépala dorsal lanceolada, ca. 6 x 1,5 mm, creme, ápice longo-acuminado, levemente recurvado; sépalas laterais lanceoladas, ca. 6 x 1,5 mm, creme, ápice longo-acuminado, levemente recurvado, coalescentes na base em sinsépalo; sinsépalo adnato ao pé da coluna; pétalas lanceoladas, ca. 5 x 1 mm, creme, levemente assimétricas, ápice acuminado; labelo ca. 2,5 x 1 mm, creme, disco amarelo, maculado de castanho-avermelhado próximo à base, maculado de magenta próximo ao ápice, lobos laterais próximos à base, retrorsos, lobo mediano largamente elíptico, ápice truncado; coluna cilíndrica, ca. 1 mm compr., ápice sub-rostrado, pé da coluna ca. 1,5 mm compr., levemente curvo; antera esférica, amarelo-clara; polínias amarelas, claviformes; ovário ca. 1 mm compr. Fruto imaturo verde, fusiforme, ca. 3 mm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, mata de candeia entre as Casas dos Pesquisadores e Ponte de Pedra, 19.X.2003, fl./fr., *Menini Neto et al.* 40 (CESJ, R, RB); sem localidade, 12.XI.1987, fl./fr., *Sousa s. n.* (BHCB 14766).

Distribuição geográfica: Minas Gerais.

O. rubrifolia e *O. ochroleuca*, foram descritas por Rodrigues (1877), que ressalta a afinidade entre as duas. No entanto, as características observadas para a espécie aqui registrada mostram-se intermediárias às descritas e ilustradas por Rodrigues nas descrições originais das espécies supracitadas, sobretudo no que concerne ao número de flores no fascículo, à morfologia do labelo e à coalescência existente entre as sépalas laterais. Desse modo, em vista da necessidade de maior estudo deste táxon, preferiu-se adotar a afinidade de uma das espécies, no caso *O. aff. rubrifolia*.

6. *Octomeria wawrae* Rchb. f. ex Wawra, Itin. Princ. S. Coburgi 2: 156. 1888.

Fig. 3 L-P.

Erva epífita, cespitosa, ereta ou declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde, 0,9-7,9 cm compr.; bainhas do ramicaule estamíneas, tubulosas, 0,4-2,1 cm compr., amplexicaule, ápice agudo. Lâmina foliar verde, semi-cilíndrica, linear, face adaxial longitudinalmente sulcada, 2,1-6 x ca. 0,4 cm, carnosa, ápice agudo. Fascículo 1-2-flo-ro; bráctea floral tubulosa, ca. 2 mm compr., membranácea, amplexiva sobre o pedicelo e o ovário, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 2 mm compr.; sépala dorsal lanceolada, ca. 1,7 x 0,4 cm, amarela estriada de vináceo, ápice acuminado; sépalas laterais lanceoladas, ca. 1,7 x 0,3 cm, amarelas estriadas de vináceo, levemente assimétricas, ápice acuminado; pétalas lanceoladas, ca. 1,7 x 0,25 cm, amarelas estriadas de vináceo, levemente assimétricas, ápice acuminado; labelo de âmbito panduriforme, ca. 5 x 3 mm, amarelo com mácula longitudinal central vinácea, lobos laterais

eretos, retrorsos, lobo mediano levemente rômbo, metade distal com margem serrilhada, ápice agudo; coluna cilíndrica, ca. 3 mm compr., ápice eroso, pé da coluna ca. 2 mm compr., levemente curvo, carnoso; antera esférica, amarela com mácula longitudinal ventral vinácea; polínias amarelas, claviformes; ovário ca. 2,5 mm compr. Fruto imaturo verde, fusiforme, ca. 1 cm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, mata ciliar na base da Gruta do Pião, 18.X.2003, fl./fr., *Menini Neto et al.* 24 (CESJ); mata de candeia entre as Casas dos Pesquisadores e a Ponte de Pedra, 19.X.2003, fl., *Menini Neto et al.* 38 (CESJ, R); mata ciliar próximo ao Lago dos Espelhos, 27.X.2004, fl., *Menini Neto et al.* 168 (R, RB); sem localidade, 25.VI.1987, fl., *Sousa et al. s.n.* (BHCB 15769); idem, 29.V.1993, fl., *Forzza & Salimena-Pires* 41 (CESJ).

Distribuição geográfica: Região Sudeste do Brasil (exceto Espírito Santo).

Octomeria wawrae é uma espécie epífita de interior e borda de mata, ocorrendo também em matas ciliares, em ambientes com maior ou menor intensidade de luz e umidade. No PEIB, foi observada em matas ciliares e em mata de candeia. Distingue-se das demais espécies do gênero registradas para o Parque pelas folhas semi-cilíndricas, 1-2 flores por fascículo, sépalas e pétalas amarelo-ouro estriadas de vinácea e de ápice acuminado.

Pleurothallis R. Br. *sensu lato*

Ervas epífitas, rupícolas ou terrestres. Ramicaules proli-ficos ou não, mais curtos ou mais longos do que a folha, arredondados a lateralmente comprimidos ou alados em seção transversal. Folha ereta em relação ao ramicaule, plana a cilíndrica ou lateralmente comprimida. Inflorescência surgindo lateralmente, abaixo ou na camada de abscisão entre o ramicaule e a folha, com uma flor solitária, simples ou fasciculada, ou em racemo; sépalas membranáceas a fortemente carnosas, livres ou variadamente coalescentes; pétalas membranáceas a fortemente carnosas, 1-3-lobadas; labelo membranáceo a fortemente carnoso, liso, caloso, papiloso, pubescente, ciliado ou franjado, 1-5-lobado, a base variadamente articulada com a base da coluna ou ápice do pé da coluna, algumas vezes inflexivelmente adnato; coluna semi-cilíndrica, longa ou curta, alada ou não, denteada ou não, a base da coluna desenvolvida ou não em um pé com o ápice do ovário, a ponta do pé algumas vezes alongada além do ovário, estigma apical a ventral, 1-2-lobado, antera apical a ventral, encoberta ou exposta, estigma apical a ventral, 1-2-lobado, polínias 2, nuas ou com caudícula, granulosa, pouco desenvolvida (Luer 1986c).

Pleurothallis sensu lato apresenta distribuição neotropical e abriga aproximadamente 2000 espécies (Luer 1986a). É o maior gênero de Angiospermas epífitas e um dos maiores de Orchidaceae (Atwood 1986; Luer 1986c; Gentry & Dodson 1987). Pabst & Dungs (1975) citaram cerca de 300 espécies para o Brasil, mas em consequência de descrições

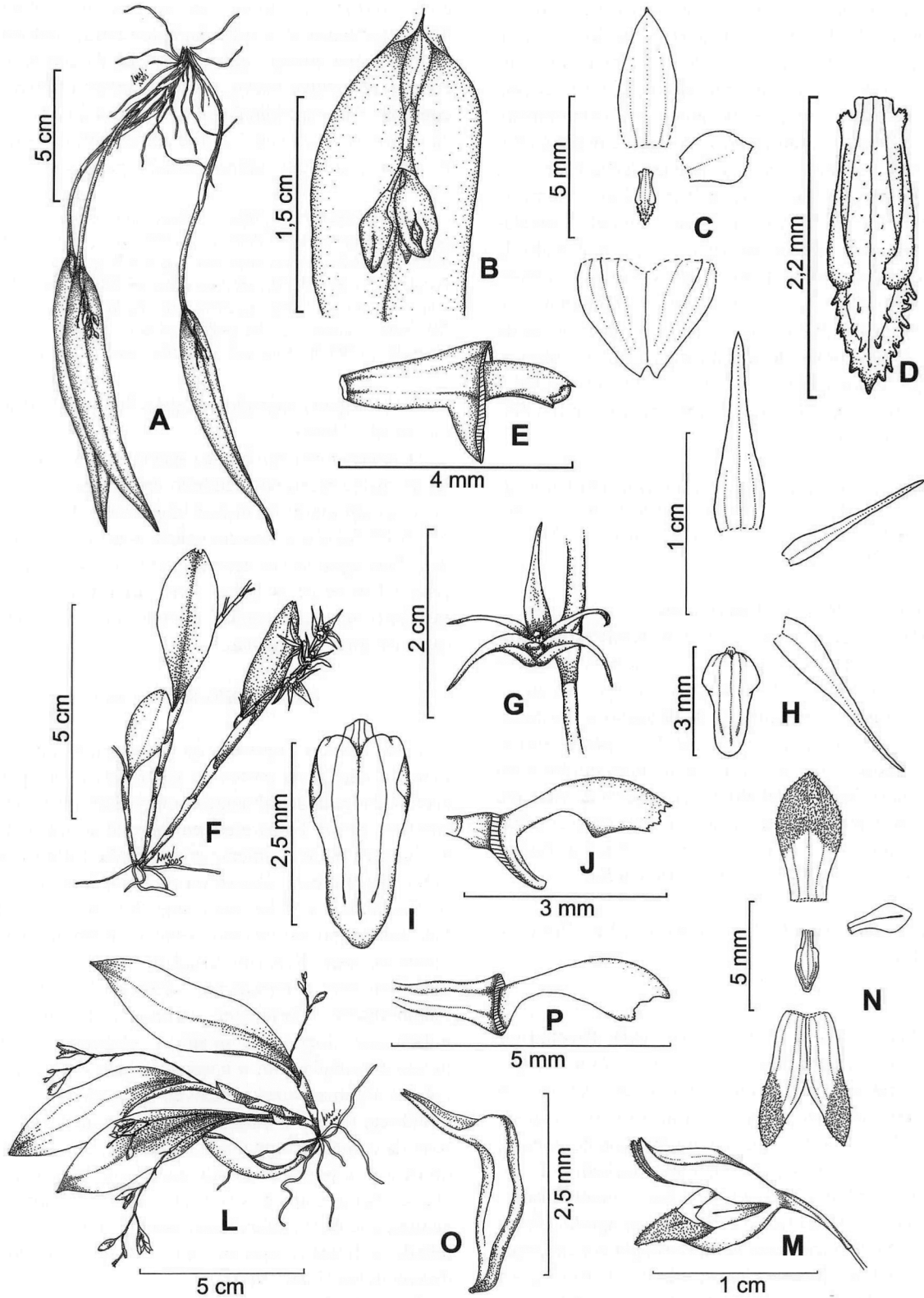


Fig. 4. A-E. *Pleurothallis cryptophoranthoides*. A: Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E: Coluna e ovário. F-J. *Pleurothallis heterophylla*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Coluna e ovário. L-P. *Pleurothallis hypnicola*. L: Hábito. M: Flor. N: Perianto dissecado. O: Vista lateral do labelo. P: Coluna e ovário (A-E. Menini Neto et al. 176, F-J. Menini Neto et al. 177, L-P. Menini Neto et al. 134).

de novas espécies, novos registros e sinonimizacões, este número já foi bastante alterado, necessitando ser revisto. Em consequência deste número elevado de táxons e da grande diversidade de formas, sua história taxonômica é bastante controversa. Lindley (1859) já apontava para a necessidade do desmembramento do gênero, mas em decorrência do pequeno número de materiais disponíveis e conhecimento insuficiente das espécies na época, não foi possível fazê-lo. Luer (1986a) afirmou que “um *Pleurothallis* deveria ser descrito como qualquer Pleurothallidinae que não se encaixe em nenhum outro gênero”. Pridgeon *et al.* (2001) demonstraram que o gênero não é monofilético e Pridgeon & Chase (2001), realizaram o desmembramento de *Pleurothallis* em 10 outros gêneros. Luer (2002) destacou vários problemas nas análises apresentadas por estes autores e não aceitou a classificação por eles proposta. Por outro lado, Luer (2004, 2006), fez novas combinações diferentes das apresentadas por Pridgeon & Chase (2001). Diante dessas recentes alterações e incongruências na taxonomia do gênero, optou-se pela utilização de *Pleurothallis sensu lato*, como reconhecido por Pabst & Dungs (1975).

7. *Pleurothallis cryptophoranthoides* Loefgr., Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 2: 52. 1918.

Fig. 4 A-E.

Erva epífita, subreptante, pendente. Rizoma ca. 3 mm compr. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 7,4-13,8 cm compr.; bainhas do ramicaule estamíneas, tubulosas, 0,5-4,5 cm compr., amplexicaules, ápice agudo, dispostas até a metade do ramicaule. Lâmina foliar discolor, verde-escuro na face adaxial, com a nervura central atrolilacínea, face abaxial atrolilacínea, elíptica, 8,7-11,6 x 1-1,4 cm, assimétrica, cartácea, margem revoluta, ápice tridentado. Inflorescência em racemo, ca. 2 cm compr., 3-5-flora, flores sucessivas, pendente, laxa, axilar; pedúnculo ca. 10 cm compr.; espata estamínea, oval, ca. 1 x 0,5 cm, amplexiva sobre o pedúnculo, ápice agudo; brácteas do pedúnculo e florais estamíneas, rômbricas, ca. 1 x 1 mm, amplexivas sobre o pedicelo e à raque, membranáceas, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 1 mm compr.; sépala dorsal vinácea matizada de creme, lanceolada, ca. 5 x 2 mm compr., côncava, coalescente na base e conivente no ápice às sépalas laterais formando duas aberturas laterais, ápice agudo; sépalas laterais vináceas matizadas de creme, lanceoladas, dorsalmente quilhadas, ápice apiculado, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo oval, ca. 4 x 5 mm, côncavo, adnato na base ao pé da coluna formando um mento; pétalas hialinas com ápice pintalgado de vináceo, obovais, ca. 2 x 2,5 mm, levemente côncavas, levemente assimétricas, metade distal com margem erosa, ápice acuminado; labelo amarelo-claro, trilobado, de âmbito elíptico, ca. 2,2 x 0,5 mm, carnoso, lobos laterais semi-obovais, margem erosa, lobo mediano triangular, margem fimbriada, ápice agudo, dotado de 2 aurículas basais, retrorsas, de margem erosa;

coluna amarelo-claro, matizada de vináceo, semicilíndrica, ventralmente côncava, ápice eroso; pé da coluna carnoso, ca. 1,5 mm compr.; estigma inteiro, ventral; antera esférica, amarelo-claro, apical, polínias amarelas, claviformes; ovário ca. 2 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, mata da caixa d'água, 7.IV.1987, fl., *Sousa s.n.* (BHCB 16647); Mata Grande, fl. cult. III.2005, fl., *Menini Neto et al.* 176 (CESJ, R, RB).

Distribuição geográfica: Região Sudeste do Brasil.

Pleurothallis cryptophoranthoides é uma espécie epífita, de interior de mata úmida e sombreada. Foi observada no interior da Mata Grande, formando algumas touceiras relativamente grandes, no tronco de uma árvore de grande porte, próximo a uma área alagada da mata. Pode ser facilmente diferenciada até mesmo quando estéril por ser uma planta pendente, com folhas assimétricas, discolors, verde-escuro na face adaxial e atrolilacíneas na face abaxial, com as margens revolutas. Suas flores surgem numa inflorescência muito curta, com até quatro flores, de coloração vinácea matizadas de creme, que não se abrem totalmente, devido à postura conivente do ápice das sépalas, deixando apenas duas pequenas aberturas laterais, de maneira semelhante às flores do gênero *Cryptophoranthus*.

8. *Pleurothallis heterophylla* (Barb. Rodr.) Cogn. *in* Mart., Fl. bras. 3(4): 556. 1896.

Fig. 4 F-J.

Erva epífita, cespitosa, declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 2-3,5 cm compr.; bainhas do ramicaule castanho-escuro, tubulosas, 0,3-1,5 cm compr., amplexicaules, recobrimdo o ramicaule até acima da camada de abscisão da lâmina foliar, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escuro, elíptica, 2,6-3,1 x 0,8-1,1 cm, levemente convexa, carnosa, base canaliculada, ápice tridentado. Inflorescência em racemo, 1,4-2,3 cm compr., ca. 5-flora, flores simultâneas, curva, laxa, axilar; pedúnculo 4-8 mm compr., delicado; espata ca. 2 x 1 mm, oval, estamínea, amplexiva sobre o pedúnculo, ápice agudo; brácteas do pedúnculo ca. 2 x 1 mm, creme pintalgadas de atrovínáceo, tubulosas, membranáceas, amplexivas, ápice acuminado; brácteas florais ca. 2,5 x 2 mm, creme pintalgadas de atrovínáceo, membranáceas, amplexivas sobre o pedicelo e a raque, ápice agudo. Flores pediceladas, pedicelo ca. 2 mm compr.; sépala dorsal lanceolada, ca. 1,1 x 0,25 cm, creme com ápice amarelado, ápice acuminado; sépalas laterais lanceoladas, ca. 1,1 x 0,2 cm, creme com ápice amarelado, assimétricas, ápice acuminado; pétalas lanceoladas, ca. 9 x 1 mm, creme com ápice amarelado, assimétricas, ápice acuminado; labelo trilobado, âmbito oval, ca. 3 x 1,5 mm, creme com ápice amarelado, lobos laterais auriculiformes, lobo central oblongo, sulcado na base, ápice arredondado; coluna semicilíndrica, ca. 2 mm compr., metade distal alada, ápice eroso, pé da coluna ca.

1 mm, curvo; estigma inteiro, ventral; antera oval, ventral, amarelo-clara; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 1 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, mata em frente às Casas dos Pesquisadores, fl. cult. VIII.2004, fl., *Menini Neto et al. 177* (CESJ, R); sem localidade, 26.IV.1988, fl., *Andrade & Drummond 1160* (BHCB).

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Paraná.

Pleurothallis heterophylla é uma espécie epífita, de interior de mata, ocorrendo em locais com umidade alta e relativamente sombreados. No PEIB foi registrada em mata ciliar, na borda de curso d'água, junto a musgos e outras epífitas. É uma planta aparentemente rara na área, tendo sido observada apenas uma pequena touceira. Diferencia-se das demais espécies do gênero ocorrentes no Parque pela inflorescência mais curta ou de igual comprimento ao da folha, flores grandes em relação ao tamanho da planta, com peças florais dispostas de maneira semelhante a uma estrela.

9. *Pleurothallis hypnicola* Lindl., *Edwards's Bot. Reg.* 28: 75. 1842.

Fig. 4 L-P.

Erva epífita, cespitosa, declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-claro, 1,5-5,4 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, tubulosas, 0,5-2,2 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde-clara, elíptica, 3,7-10,8 x 0,6-1,9 cm, cartácea, base canaliculada, ápice tridentado. Inflorescência em racemo, 4-7 cm compr., flores sucessivas, até duas abertas por vez, curva, laxa, axilar, flexuosa, uma ou mais por ramicaule; pedúnculo 3,5-5,2 cm compr.; espata ca. 4 x 2 mm, levemente oval, castanha; brácteas do pedúnculo e florais 2-3 x ca. 1 mm, estramíneas, tubulosas, membranáceas, amplexivas sobre o pedúnculo e a raque, respectivamente, ápice acuminado. Flores pediceladas, pedicelo ca. 5 mm compr.; sépala dorsal oblanceolada, ca. 6 x 3 mm, base creme com ápice amarelo, às vezes pintalgada de vermelho, base levemente côncava, carnosa, espessada próximo ao ápice, espessamento densamente hirsuto, ápice agudo; sépalas laterais lanceoladas, base creme com ápice amarelo, às vezes pintalgadas de vermelho, carnosas, espessadas próximo ao ápice, espessamento densamente hirsuto, ápice agudo, coalescentes em sinsépalo; sinsépalo ca. 6 x 4 mm, base côncava; pétalas rômbico-espauladas, ca. 3 x 1,5 mm, amarelo-claras ou vermelhas com mácula róseo-escura no ápice, levemente carnosas, levemente espessadas no ápice, ápice arredondado; labelo inteiro, elíptico, ca. 3 x 1 mm, amarelo-claro ou vermelho com mácula róseo-escura no ápice, genuflexo, canaliculado, papiloso próximo às margens e ao ápice, ápice arredondado; coluna claviforme, ca. 3 mm compr., amarelo-clara, alada nos 2/3 apicais, ápice levemente rostrado; estigma inteiro, ventral; antera esférica,

ventral, amarelo-clara; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 4 mm compr. Fruto maduro verde, fusiforme, 0,6-1 cm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, 09.III.2004, fl./fr., *Menini Neto et al. 134* (CESJ, R, RB); idem, 30.VI.2004, fl./fr., *Assis et al. 1054* (RB).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Pleurothallis hypnicola é uma espécie epífita, ocorrendo em grande variedade de ambientes: florestas ombrófilas, capões no campo rupestre, matas ciliares, florestas semidecíduais e matas de restinga. No PEIB, foi observada apenas na Mata Grande, em áreas mais ou menos sombreadas, úmidas, formando grandes touceiras em troncos caídos e ramos e troncos de árvores baixas. Diferencia-se das demais espécies do gênero na área pelo ramicaule mais curto do que a lâmina foliar, folhas com a base canaliculada, inflorescência flexuosa com abertura sucessiva das flores. *Pleurothallis hypnicola* é freqüentemente identificada nos herbários como *P. cuneifolia* Cogn., nome considerado sinônimo por Pabst & Dungs (1975).

10. *Pleurothallis johannensis* Barb. Rodr., *Gen. Sp. Orchid.* 2: 23. 1881.

Fig. 5 A-E.

Erva rupícola, cespitosa, ereta. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde ou vináceo, 0,5-2,2 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, ca. 1 cm compr., amplexicaules, ápice apiculado. Lâmina foliar verde ou vinácea, cilíndrica, 1-5,1 cm compr., carnosa, com sulco ventral, longitudinal, ápice agudo. Inflorescência em racemo, 3,1-6,5 cm compr., 5-8-flora, flores simultâneas, ereta, laxa, axilar; pedúnculo 1,3-3,7 cm compr.; espata ca. 7 x 4 mm, oval, castanha, ápice agudo, amplexivas sobre o pedúnculo; brácteas do pedúnculo e florais ca. 4 x 2 mm, estramíneas, tubulosas, membranáceas, amplexivas, raque e pedicelo, respectivamente, ápice acuminado. Flores pediceladas, pedicelo ca. 1 mm compr., sépala dorsal elíptica, ca. 7 x 3 mm, ferrugínea ou amarela, estriada de laranja, côncava, carnosa, dorsalmente quilhada, ápice agudo; sépalas laterais levemente lanceoladas, ferrugíneas ou amarelas, estriadas de laranja, côncavas, carnosas, dorsalmente quilhadas, ápice agudo, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo ca. 6,5 x 4 mm, oval, côncavo; pétalas oblanceoladas, ca. 4 x 2 mm, ferrugíneas ou amarelas, estriadas de laranja, levemente carnosas, levemente assimétricas, ápice apiculado; labelo trilobado, âmbito panduriforme, ca. 4 x 1,5 mm, ferrugíneo ou amarelo, estriado de laranja, levemente carnoso, ápice apiculado, lobos laterais aproximadamente semicirculares; coluna semicilíndrica, ca. 3 mm compr., ápice eroso, pé da coluna carnoso, ca. 1,5 mm compr.; estigma inteiro, ventral; antera esférica, ferrugínea, ventral; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 3 mm compr. Fruto maduro avermelhado, fusiforme, ca. 1,8 cm compr., perianto persistente.

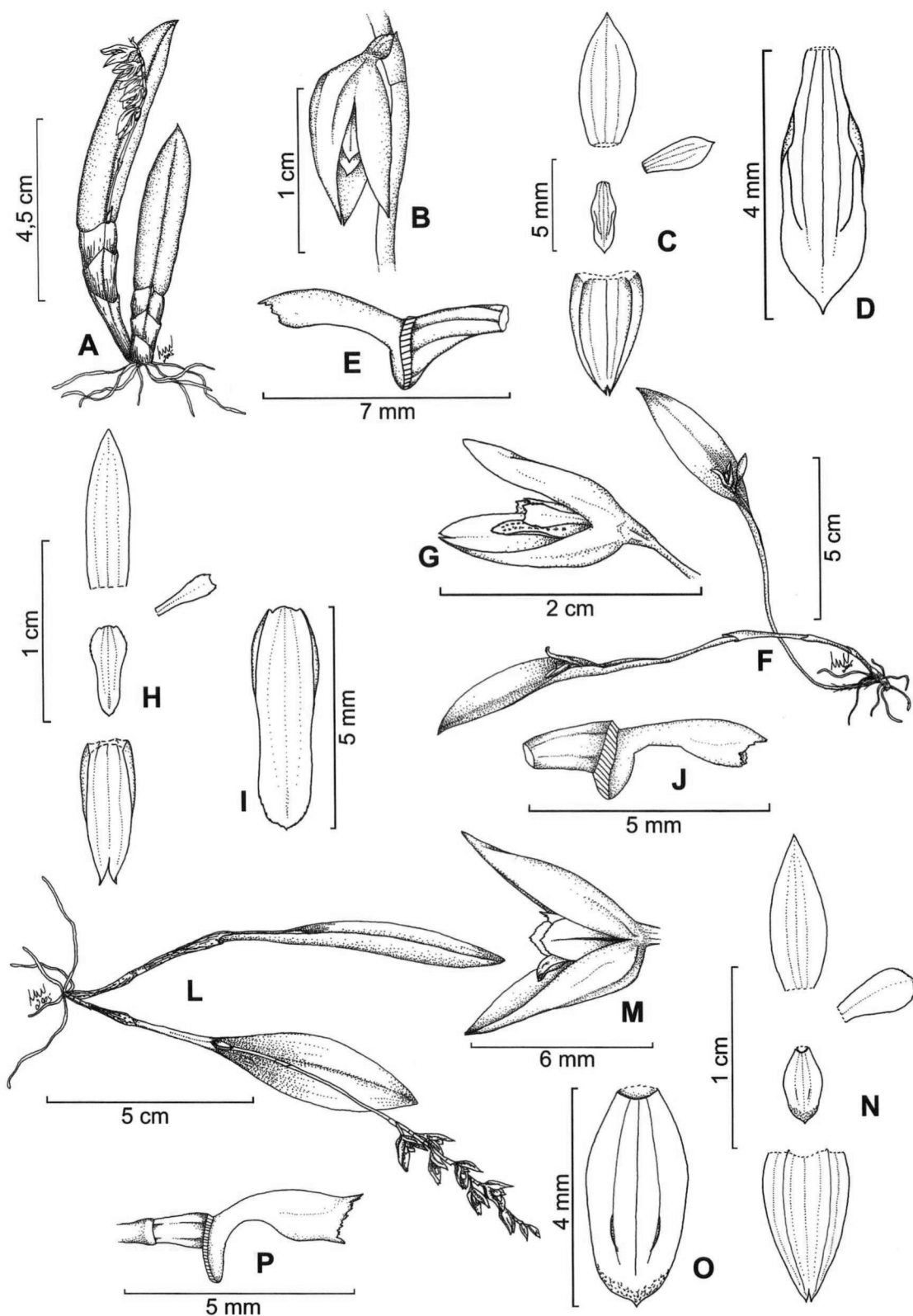


Fig. 5. A-E. *Pleurothallis johannensis*. A: Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E: Coluna e ovário. F-J. *Pleurothallis luteola*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Coluna e ovário. L-P. *Pleurothallis malachantha*. L: Hábito. M: Flor. N: Perianto dissecado. O: Vista lateral do labelo. P: Coluna e ovário (A-E. Menini Neto & Ferreira 81, F-J. Menini Neto et al. 158, L-P. Menini Neto & Ferreira 90).

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, Serra de Ibitipoca, 3.XI.1973, Krieger s.n. (CESJ 13217); PEIB, sem localidade, 3.IV.1993, fr., Forzza et al. 11 (CESJ); idem, 12.XI.1993, fl., Forzza et al. 70 (CESJ); idem, 8.II.1996, fr., Rodela Q2-24 (CESJ); idem, 1.XII.2003, fl., Menini Neto & Alves 45 (CESJ, R, RB); idem, 20.XII.2003, fl., Menini Neto & Ferreira 81 (CESJ).

Distribuição geográfica: Minas Gerais.

Pleurothallis johannensis é uma espécie rupícola, que forma grandes populações nos afloramentos do campo rupestre, sendo encontrada por praticamente todo o PEIB, mas ocorre com menor frequência acima dos 1500 m de altitude. Esta é a espécie mais fácil de ser diferenciada dentre os *Pleurothallis* ocorrentes no PEIB, em virtude de ser rupícola e de apresentar folhas cilíndricas e carnosas, de coloração que varia do amarelo-esverdeado ao atrovinaço. Suas flores são carnosas, de odor desagradável, surgindo em inflorescências eretas, mais baixas ou pouco mais altas que as folhas. Forzza et al. (1994) citaram esta espécie com *P. teres* Lindl.

11. *Pleurothallis luteola* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 27: 1. 1841.

Fig. 5 F-J.

Erva epífita, cespitosa, declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico na base e de secção triangular próximo à camada de abscisão da lâmina foliar, verde, 9-11 cm compr., canaliculado próximo à zona de abscisão com a folha; bainhas do ramicaule estramíneas pintalgadas de castanho, tubulosas, 0,4-2,7 cm compr., amplexicaules, dispostas até cerca da metade do ramicaule, as mais velhas desfiadas, ápice agudo. Lâmina foliar verde, elíptica, ca. 6 x 1,3 cm, cartácea, ápice tridentado. Inflorescência 1-2-flora, flores simultâneas, apressa à lâmina foliar, axilar; pedúnculo ca. 5 mm compr.; espata estramínea, oval, ca. 2 x 1 mm compr., ápice agudo; bráctea do pedúnculo estramínea, tubulosa, ca. 1 mm compr., amplexiva, ápice agudo; bráctea floral estramínea, rômbica, ca. 1 mm compr., ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 2 mm compr.; sépala dorsal amarela com três estrias vináceas, lanceolada, ca. 9 x 2 mm, recurvada, espessada próximo ao ápice, ápice agudo; sépalas laterais amarelas estriadas de vináceo, lanceoladas, dorsalmente quilhadas, ápice agudo, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo lanceolado, ca. 8 x 3 mm, côncavo; pétalas amarelas com uma estria longitudinal central vinácea, espatuladas, ca. 3,5 x 1 mm, margem do terço distal serreada, ápice truncado; labelo amarelo matizado de lilás nas bordas, com duas fileiras paralelas centrais de máculas vináceas, inteiro, lanceolado, ca. 5 x 2 mm, levemente côncavo, carnoso, margem próximo ao ápice serreada, ápice subapiculado; coluna amarelo-clara, claviforme, ca. 3 mm compr., metade distal alada, ápice eroso, sub-rostrado, pé da coluna carnoso, ca. 1 mm compr.; estigma inteiro, ventral; antera esférica, ventral, amarelo-clara; polínias amarelas; ovário ca. 1,5 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, fl. cult. V.2004, fl., Menini Neto et al. 158 (CESJ).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Pleurothallis luteola é uma espécie epífita, que ocorre em locais úmidos e sombreados, geralmente em matas ciliares, próximo a cursos d'água. No PEIB, foi registrada apenas no interior da Mata Grande. Pode-se diferenciá-la das demais espécies de *Pleurothallis* do PEIB principalmente pelo ramicaule com o terço superior lateralmente comprimido e canaliculado, pela inflorescência curta, 1-2-flora, apoiada na base da folha e labelo com duas fileiras de pequenas pintas vináceas. Frequentemente identificada nos herbários como *P. caespitosa* Barb. Rodr., nome considerado sinônimo (Pabst & Dungs 1975).

12. *Pleurothallis malachantha* Rchb. f., Bonplandia 3: 223. 1855.

Fig. 5 L-P.

Erva epífita, cespitosa, levemente pendente. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico na base e de secção triangular próximo à camada de abscisão da lâmina foliar, verde, 0,8-12 cm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas, pintalgadas de vináceo, tubulosas, 0,8-2,3 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde-clara, esparsamente pintalgada de vináceo, elíptica, 1,4-7,2 x 0,4-1,6 cm, coriácea, tridentado. Inflorescência em racemo, 15-18 cm compr., ca. 10-flora, flores simultâneas, curva, laxa, axilar; pedúnculo 2,3-3,2 cm compr.; espata 0,3-1 x 0,2-0,4 cm, oval, ápice agudo; bráctea do pedúnculo e florais ca. 2 x 1 mm, paleáceas, levemente rômbicas, amplexivas sobre o pedúnculo e a raque, respectivamente, ápice acuminado. Flores pediceladas, pedicelo ca. 1 mm compr.; sépala dorsal elíptica, ca. 8,5 x 3 mm, creme-esverdeada, com estrias vináceas, ápice agudo; sépalas laterais lanceoladas, creme-esverdeadas, com estrias vináceas, dorsalmente quilhadas, ápice agudo, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo oval, ca. 8 x 5 mm, côncavo; pétalas oboval-espatuladas, ca. 4,5 x 2 mm, creme-esverdeadas, com estrias vináceas, levemente assimétricas, margem levemente erosa próximo ao ápice, ápice apiculado; labelo inteiro, elíptico, ca. 4 x 2 mm, creme-esverdeado matizado de vináceo com estria longitudinal central vinácea, papiloso próximo ao ápice, calo basal transversal, semicircular, ápice apiculado; coluna claviforme, ca. 3 mm compr., metade superior alada, ápice eroso; estigma inteiro, ventral; antera sub-esférica, com duas projeções basais, retrorsas, creme, ventral; polínias amarelas, sub-esféricas; ovário ca. 1 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, mata próximo à Portaria, 21.XII.2003, fl., Menini Neto & Ferreira 90 (CESJ, R); sem localidade, 17.II.1987, fl., Sousa s.n. (BHCB 9832).

Distribuição geográfica: Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná.

Pleurothallis malachantha é uma espécie epífita de interior de mata, observada, no PEIB, próximo à base dos troncos de árvores, entre outras epífitas. Diferencia-se das demais espécies de *Pleurothallis* registradas no Parque principalmente pelas bainhas do ramicaule pintalgadas de vináceo, pelo ápice do ramicaule de secção triangular e pelas flores creme-esverdeadas estriadas de vináceo.

13. *Pleurothallis marginalis* Rchb. f., Bonplandia 3: 224. (1855).

Fig. 6 A-E.

Erva epífita, cespitosa, declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde, ca. 5 mm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas, tubulosas, 3-4 mm compr., amplexicaules, recobrando todo o ramicaule, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escura, espatulada, 1,6-3,5 x 0,3-0,6 cm, coriácea, base fortemente estreitada, canaliculada, ápice tridentado. Inflorescência em racemo, 3,2-6,1 cm compr., ca. 10-flora, flores simultâneas, levemente curva, laxa, axilar, flexuosa, uma por ramicaule, base coberta pela última bainha do ramicaule; espata estramínea, oval, ca. 1 mm compr., membranácea; pedúnculo 2,4-3,5 cm compr., delicado; brácteas do pedúnculo creme, tubulosas, ca. 1 x 0,5 mm, membranáceas, ápice agudo; brácteas florais creme, rômbricas, ca. 0,5 x 0,2 mm, amplexivas sobre a raque. Flores pediceladas; pedicelo ca. 3 mm compr.; sépala dorsal lanceolada, ca. 4 x 2 mm, creme-esverdeada, côncava, 3-quilhada dorsalmente, ápice apiculado; sépalas laterais lanceoladas, creme-esverdeadas, quilhadas dorsalmente, ápice apiculado, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo oval, ca. 4 x 2,5 mm, côncavo; pétalas espatuladas, ca. 2 x 0,7 mm, creme-esverdeadas, ápice agudo; labelo inteiro, oblongo, levemente estreitado na metade do comprimento, ca. 1,8 x 0,7 mm, creme-esverdeado, duas lamelas longitudinais paralelas, ápice arredondado; coluna levemente claviforme, ca. 2 mm compr., creme-esverdeada, ventralmente côncava, ápice eroso, 2/3 superiores alados, alas com ápice agudo; pé da coluna carnoso, levemente curvo, ca. 0,8 cm compr., côncavo, 2 calos laterais próximos à base; estigma inteiro, ventral; antera botuliforme, papilosa próximo ao ápice, creme, ventral; polínias 2, amarelas, sub-piriformes, caudícula granulosa, alongado; ovário ca. 1 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, fl. cult. X.2004, fl., *Menini Neto et al.* 162 (CESJ, R, RB).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Pleurothallis marginalis é uma espécie epífita, preferencialmente de lugares úmidos e sombreados. No Parque foi observada apenas no interior da Mata Grande, formando touceiras em ramos finos de árvores baixas, entre musgos. Pode-se distingui-la das demais espécies de *Pleurothallis* registradas para o Parque em virtude de seu pequeno porte e pela inflorescência flexuosa, com pequenas flores creme-

esverdeadas, simultâneas. Esta espécie é frequentemente identificada nos herbários como uma variedade de *Pleurothallis grobyi* Bateman ex Lindl. No entanto, algumas características, a despeito de sua afinidade, permitem sua distinção: o porte de *P. marginalis* é sempre menor do que o de *P. grobyi*, bem como o comprimento e o número de flores em sua inflorescência e o tamanho das flores. Outra característica que as distingue é a presença de três listras vináceas na sépala dorsal e duas no labelo, em *P. grobyi*, ausentes em *P. marginalis*.

14. *Pleurothallis modestissima* Rchb. f., Otia Bot. Hamburg.: 93. 1881.

Fig. 6 F-J.

Erva saxícola ou terrestre sobre serapilheira, reptante, ereta. Rizoma ca. 1 cm compr. Ramicaule cilíndrico, de secção triangular próximo à camada de abscisão da lâmina foliar, verde-claro, 2,3-14 cm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas, tubulosas, 0,4-2,7 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde concolor, ou discolor, neste caso verde adaxialmente e vinácea abaxialmente, oval, elíptica ou sub-cordada, 3,1-6,5 x 1,5-2,8 cm, coriácea, leve a fortemente côncava, ápice tridentado. Inflorescência em racemo, 1,4-2 cm compr., 2-6-flora, flores simultâneas, apressa à lâmina foliar, laxa, axilar, uma ou mais por ramicaule; pedúnculo ca. 3 mm compr.; espata oval, ca. 2 x 1 mm, ápice agudo; brácteas florais ca. 1 x 1 mm, verdes matizadas de vináceo, membranáceas, levemente ovais, amplexivas sobre a raque e o pedicelo, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo inconspícuo; sépala dorsal lanceolada, ca. 5 x 2 mm, vinácea, côncava, ápice agudo; sépalas laterais lanceoladas, ca. 5 x 2 mm, vináceas, ápice agudo, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo cordado, ca. 5 x 4 mm, côncavo; pétalas rômbo-espatuladas, ca. 3 x 1 mm, vináceas, margem fimbriada na metade distal, ápice agudo; labelo inteiro, elíptico, ca. 3 x 1,2 mm, vináceo, levemente alargado no centro, margem fimbriada, ápice arredondado, com duas projeções alares laterais fimbriadas próximo à base; coluna levemente claviforme, ca. 2 mm compr., vinácea, ápice eroso; pé da coluna ca. 1 mm compr., carnoso; estigma inteiro, ventral; antera elipsóide, papilosa próximo ao ápice, ventral, vinácea; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 1,5 mm compr., verruculoso. Fruto maduro globoso, ca. 1,2 cm compr., vináceo-esverdeado, perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, base da Lombada, 1.XII.2003, bot., *Menini Neto & Alves* 51 (CESJ, R); tri-lha ao lado da estrada entre a Portaria e o Centro de Informações, 21.XII.2003, fl., *Menini Neto & Ferreira* 85 (CESJ, R); sem localidade, 25.VI.1987, fl., *Sousa et al. s.n.* (BHCB 16691); idem, 17.IV.1993, fl./fr., *Forzza & Brügger* 19 (CESJ).

Distribuição geográfica: Minas Gerais.

Pleurothallis modestissima pode ser observada em vários pontos do Parque, na transição das matas com o campo ru-

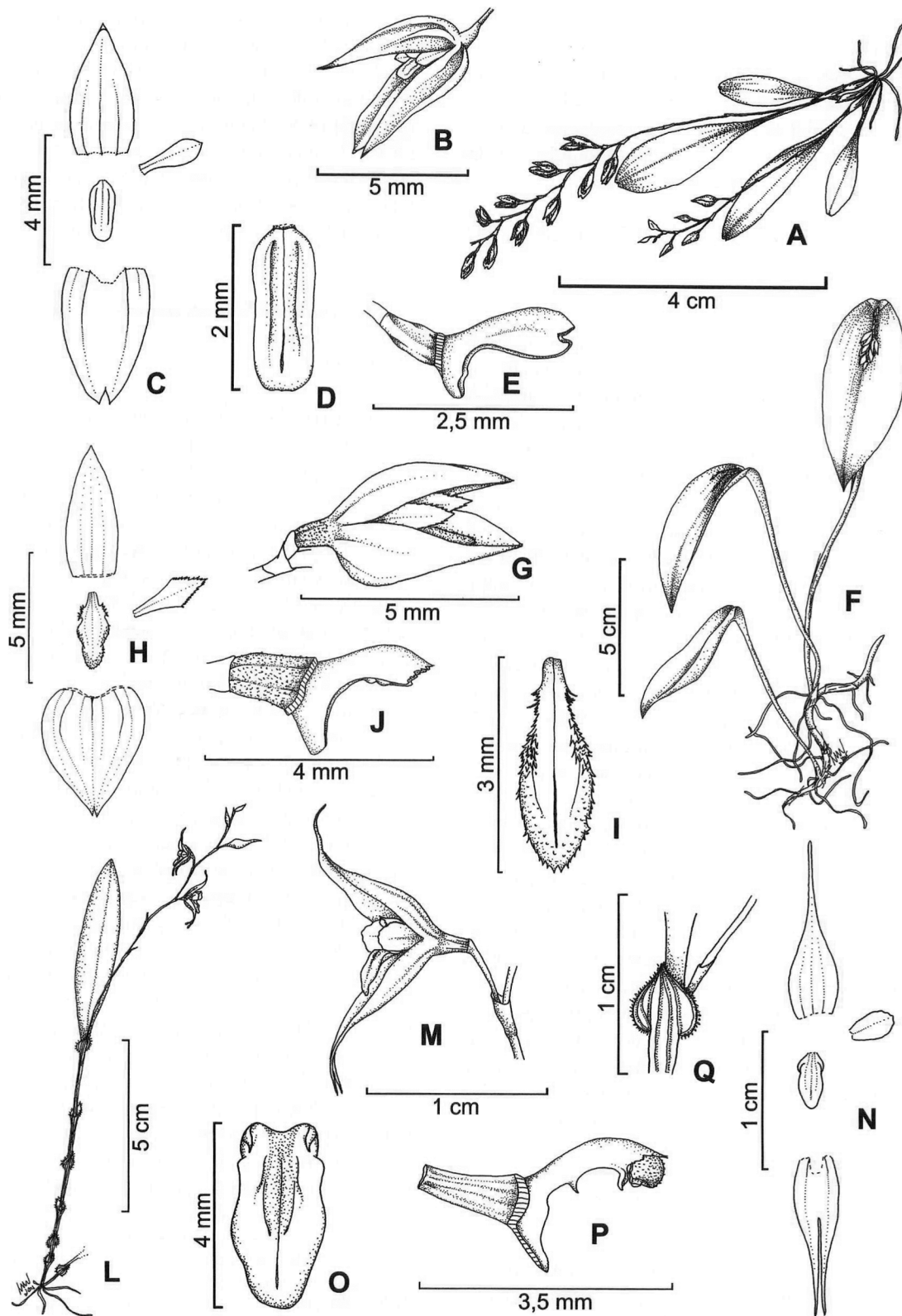


Fig. 6. A-E. *Pleurothallis marginalis*. A: Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E: Coluna e ovário. F-J. *Pleurothallis modestissima*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Coluna e ovário. L-Q. *Pleurothallis quartzicola*. L: Hábito. M: Flor. N: Perianto dissecado. O: Labelo. P: Coluna e ovário. Q: Detalhe da bainha do ramicaule (A-E. Menini Neto et al. 162, F-J. Menini Neto & Ferreira 85, L-Q. Menini Neto et al. 114).

pestre, geralmente em lugares úmidos. Distingue-se das demais espécies do gênero encontradas na área por ser a única saxícola de hábito reptante, pelas folhas em geral cordadas, inflorescência apressa às folhas e flores vináceas. Esta espécie é integrante de um grupo de espécies muito semelhantes, junto com *P. prolifera* Herb. ex Lindl., *P. hamosa* Barb. Rodr. e *P. limae* Porto & Brade, das quais difere, como seu nome sugere, pelo menor porte e menor tamanho das flores. No entanto, as relações e identidades dos táxons deste grupo não são muito claras, necessitando maior estudo para melhor delimitação das espécies. Forzza *et al.* (1994), Andrade & Sousa (1995) e Menini Neto & Forzza (2002) citaram esta espécie como *P. prolifera*.

15. *Pleurothallis quartzicola* (Barb. Rodr.) Cogn. in Mart., Fl. bras. 3(4): 581. 1896.

Fig. 6 L-Q.

Erva epífita, cespitosa, ereta a levemente declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde, 1,6-5,8 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, tubulosas, 0,7-1,9 cm compr., amplexicaules, leparentiformes, ápice agudo. Lâmina foliar verde, elíptica, 2,2-4,8 cm x 0,4-0,6 cm, carnosa, ápice tridentado. Inflorescência em racemo, ca. 9,7 cm compr., flores sucessivas, até duas abertas por vez, levemente curva, laxa, axilar, flexuosa, uma ou mais por ramicaule; pedúnculo ca. 4,8 cm compr.; brácteas do pedúnculo e florais 2-3 x ca. 1 mm, castanho-claras, tubulosas, amplexivas sobre o pedúnculo e a raque, respectivamente, esparsamente puberulentas, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 3 mm compr.; sépala dorsal lanceolada, ca. 1,3 x 0,35 cm, creme-amareladas, com três estrias longitudinais vináceas, base levemente côncava, ápice longo-acuminado, recurvo; sépalas laterais lanceoladas, creme-amareladas, ápice longo-acuminado, levemente recurvo, coalescentes até ca. 1/3 do compr. em sinsépalo; sinsépalo de âmbito lanceolado, ca. 1,2 x 0,3 cm, adnato na base ao pé da coluna, base levemente côncava; pétalas obovais ca. 3 x 2 mm, creme-amareladas com uma estria longitudinal vinácea, margem próxima ao ápice levemente erosa, ápice arredondado; labelo trilobado, de âmbito elíptico, ca. 4 x 2 mm, amarelo-claro com uma estria longitudinal castanho-clara, ápice arredondado, lobos laterais próximos à base, ca. 1 mm compr., vináceos, falciformes, eretos, antrorsos, ápice agudo; coluna levemente claviforme, ca. 2 mm compr., ápice 2-denteado; estigma inteiro, ventral, com uma projeção aguda próximo da base; antera largamente oval, com apículo arredondado, papilosa, ventral, amarelo-clara; polínias amarelas, semi-esféricas; ovário ca. 1,5 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, 6.II.2004, fl., Menini Neto *et al.* 114 (CESJ).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul (exceto Rio Grande do Sul).

Pleurothallis quartzicola é uma espécie epífita de interior de mata. No PEIB foi observada apenas na Mata Grande, próximo à extremidade contígua à Matinha, sobre árvore de pequeno porte, entre musgos e líquens. Parece ser uma espécie rara, dado o pequeno número de coletas registradas nos herbários. Distingue-se das demais espécies de *Pleurothallis* do Parque principalmente pelo conjunto de bainhas leparentiformes, castanhas, recobrimdo todo o ramicaule, inflorescência flexuosa e folha carnosa, menor que o ramicaule.

16. *Pleurothallis recurva* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 27 (Misc.): 1. 1841.

Fig. 7 A-E.

Erva epífita, subreptante, crescendo apressa ao substrato. Rizoma ca. 5 mm compr. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, ca. 1,5 cm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas, tubulosas, ca. 1 cm compr., amplexicaules, ápice agudo, dispostas até próximo ao ápice do ramicaule. Lâmina foliar discolor, adaxialmente verde-escuro, às vezes esparsamente pintalgadas de vináceo, abaxialmente matizada de vináceo, elíptica, 2,5-4,6 x 0,8-1,3 cm, levemente côncava, coriácea, ápice agudo. Inflorescência em racemo, ca. 1,2 cm compr., ca. 4-flora, flores simultâneas, apressa à lâmina foliar, laxa, axilar; pedúnculo ca. 3 mm compr.; espata estramínea, oval, 7-9 x ca. 5 mm, amplexiva, ápice agudo; brácteas do pedúnculo e florais estramíneas, amplamente ovais, ca. 4 x 4 mm, amplexivas sobre o pedicelo e à raque, membranáceas, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 1 mm compr.; sépala dorsal creme com uma mácula vinácea na face adaxial, próximo ao ápice, oblanceolada, ca. 9 x 3 mm compr., base levemente côncava, conata na base às sépalas laterais, pubescente abaxialmente, espessada próximo ao ápice, ápice agudo; sépalas laterais adaxialmente vináceas, creme abaxialmente, elípticas, ápice agudo, coalescentes até ao ápice em sinsépalo; sinsépalo oboval, ca. 8 x 6 mm, côncavo, carnoso, pubérulo abaxialmente, adnato na base ao pé da coluna formando um mento; pétalas alvas, rômbricas, ca. 3 x 1,5 mm, levemente assimétricas, metade distal de margem levemente erosa, ápice agudo; labelo vináceo, face adaxial brilhante, trilobado, de âmbito panduriforme, ca. 4 x 3 mm, carnoso, lobos laterais triangulares, eretos, ca. 1 x 1 mm, lobo mediano reniforme, margem erosa, ápice emarginado; coluna alva, ca. 3 mm compr., semicilíndrica, ventralmente côncava, metade dista alada, ápice eroso; pé da coluna carnoso, ca. 1 mm compr.; estigma inteiro, ventral; antera esférica, alva, subapical; polínias amarelas, claviformes; ovário ca. 2 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, fl. cult. XI.2006, fl., Menini Neto *et al.* 237 (CESJ).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Pleurothallis recurva é uma espécie epífita de interior de mata. No PEIB foi observada apenas na Mata Grande.

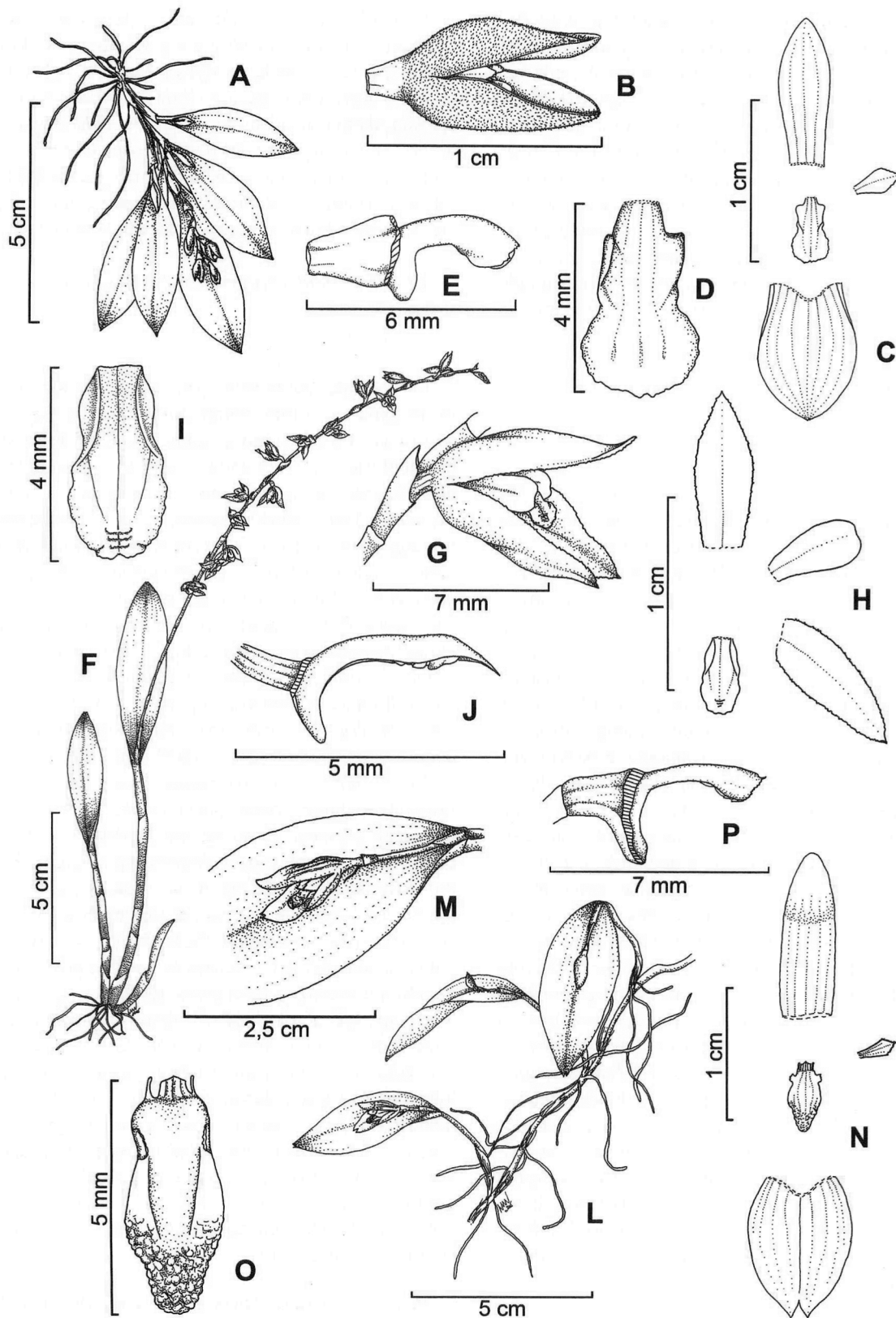


Fig. 7. A-E. *Pleurothallis recurva*. A. Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E. Coluna e ovário. F-J. *Pleurothallis rubens*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Coluna e ovário. L-P. *Pleurothallis saundersiana*. L: Hábito. M: Flor. N: Perianto dissecado. O: Labelo. P: Coluna e ovário. (A-E. Menini Neto et al. 237, F-J. Menini Neto et al. 31, L-P. Menini Neto et al. 37).

Distingue-se das demais espécies de *Pleurothallis* do Parque principalmente pela forma de crescimento apressa ao substrato, em direção à base do forófito, inflorescência curta, com poucas flores simultâneas e sépalas laterais totalmente coalescentes.

17. *Pleurothallis rubens* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 21: t. 1797. 1835.

Fig. 7 F-J.

Erva epífita, cespitosa, ereta ou levemente declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-claro, 0,8-12,5 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, tubulosas, 3-9 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde, ereta, elíptica, 2,7-13,3 x 0,7-2,6 cm, coriácea, ápice retuso com apículo central. Inflorescência em racemo, 18,5-28 cm compr., ca. 20-flora, flores simultâneas, curva, laxa, axilar; pedúnculo 4,5-8 cm compr.; espata 0,7-1,1 x ca. 0,4 cm, castanha, oval, ápice agudo; brácteas do pedúnculo ca. 7 x 3 mm, estramíneas, tubulosas, amplexivas, membranáceas, ápice agudo; brácteas florais 3-6 x 2-3 mm, estramíneas, levemente ovais, amplexivas à raque e ao pedicelo, membranáceas, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 1 mm compr.; sépala dorsal elíptica, ca. 8 x ca. 3 mm, amarela, levemente côncava, margem verrucosa, dorsalmente quilhada, ápice apiculado; sépalas laterais elípticas, ca. 8 x 3 mm, amarelas, levemente côncavas, levemente assimétricas, margem verrucosa, dorsalmente quilhada, ápice apiculado, adnatas na base ao pé da coluna; pétalas levemente espatuladas, ca. 5 x 2,5 mm, amarelo-claras, margem lisa, ápice emarginado; labelo inteiro, levemente elíptico, ca. 4 x 2 mm, amarelo-claro, levemente esverdeado, com uma estria longitudinal castanho-clara, duas lamelas divergentes, na metade basal, três calos transversais verruculosos, próximos ao ápice, ápice retuso; coluna semicilíndrica, ca. 4 mm compr., rostrada; pé da coluna ca. 1 mm compr., carnoso; estigma inteiro, ventral; antera oval, ventral, amarelo-clara; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 2 mm compr. Fruto maduro verde, fusiforme, ca. 1 cm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, próximo à Gruta do Pião, fl. cult. XII.2003, fl., *Menini Neto et al. 31* (CESJ, R); trilha Monjolinho-Lagoa Seca, 29.VI.2004, fr., *Assis et al. 1033* (RB); sem localidade, 20.I.1987, fl., *Sousa s.n.* (BHCB 16157); idem, 28.II.1993, fl., *Forzza 78* (CESJ).

Distribuição geográfica: Pernambuco, Bahia e estados das Regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Pleurothallis rubens é uma espécie predominantemente epífita, encontrada em uma grande variedade de habitats, desde campos rupestres até matas úmidas. É muito freqüente no PEIB, sendo observado no campo rupestre e em bordas e interior das matas, sempre como epífita. É a espécie de *Pleurothallis* registrada no Parque que apresenta as plantas mais robustas, sendo também diferenciada das demais pela longa inflorescência de flores amarelas, que ultrapassa o comprimento da folha.

18. *Pleurothallis saundersiana* Rchb. f., Gard. Chron. 1866: 74. 1866.

Fig. 7 L-P.

Erva epífita, reptante, declinada. Rizoma 1-2,3 cm compr.; bainhas do rizoma tubulares, ca. 1 cm compr., estramíneas, as mais velhas desfiadas. Ramicaule cilíndrico, verde, 1,7-6,4 cm compr., canaliculado; bainhas do ramicaule estramíneas, tubulosas, 1,7-3,4 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde ou verde matizada de vináceo, elíptica, 2,8-6 x 0,9-2 cm, cartácea a subcoriácea, ápice tridentado. Inflorescência 1-flora, apressa à lâmina foliar, axilar; pedúnculo ca. 1 cm compr.; espata ca. 5 x 3 mm, levemente oval, ápice agudo; brácteas do pedúnculo e floral ca. 2,5 x 2 mm, estramíneas, membranáceas, rômbricas, amplexivas sobre o pedúnculo e a raque, respectivamente, ápice agudo. Flor pedicelada; pedicelo ca. 3 mm compr.; sépala dorsal oblonga, ca. 1,2 x 0,4 cm, verde matizada de vináceo e com três estrias longitudinais vináceas, carnosa, espessamento próximo ao ápice na face adaxial verde, ápice levemente arredondado; sépalas laterais lanceoladas, verdes, densamente matizadas de vináceo e estriadas de vináceo, carnosas, ápice agudo, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo oval, ca. 1 x 0,8 cm, côncavo; pétalas levemente espatuladas, ca. 3 x 1 mm, verde-claras, hialinas, margem do terço distal finamente serreada, ápice agudo; labelo inteiro, elíptico, ca. 5 x 2 mm, atrovínáceo, sulcado longitudinalmente, com duas projeções filiformes retrorsas na base, duas projeções alares laterais erosas próximas à base, metade distal de superfície bulada, ápice arredondado; coluna claviforme, ca. 4 mm compr., verde-clara, alada próximo ao ápice; pé da coluna ca. 1,5 mm compr., carnoso; estigma inteiro, ventral; antera esférica, ventral, creme-esverdeada; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 2 mm compr. Fruto verde-amarelado, globoso, ca. 1,3 cm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, Serra de Ibitipoca, 5.VII.1975, fl., *Krieger s.n.* (CESJ 13679); PEIB, entre o Centro de Informações e a Ponte de Pedra, 18.X.2003, fr., *Menini Neto et al. 37* (CESJ); mata ao lado da estrada entre a Portaria e o Centro de Informações, 9.III.2004, fl., *Menini Neto et al. 121* (CESJ, R); sem localidade, 15.V.1993, fl., *Forzza 32* (CESJ).

Distribuição geográfica: Bolívia, Peru e Brasil, na Bahia e Regiões Sudeste e Sul.

Pleurothallis saundersiana é uma espécie epífita, encontrada em uma grande variedade de habitats: matas ciliares, capões de mata no campo rupestre, matas ombrófilas e matas de restinga. No PEIB forma grandes populações nos ramos e troncos das árvores, em capões de mata. Distingue-se das demais espécies de *Pleurothallis* do Parque por ser a única espécie epífita que apresenta o hábito reptante e por possuir inflorescência 1-flora. Frequentemente encontrada nos herbários identificada como *P. josephensis* Barb. Rodr., nome considerado sinônimo (Pabst & Dungs 1975).

19. *Pleurothallis tricarinata* Poepp. & Endl., Nov. Gen. Sp. Pl. 1: 49. 1836.

Fig. 8 A-E.

Erva epífita, cespitosa, declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule fortemente comprimido lateralmente, verde-claro, 6,8-7,5 cm compr.; bainhas do ramicaule verde-claras, comprimidas lateralmente, 0,6-3,5 cm compr. Lâmina foliar verde, elíptica, 6-7 x ca. 1,5 cm, coriácea, ápice tridentado. Inflorescência em racemo, ca. 13 cm compr., ca. 10-flora, flores simultâneas, laxa, axilar, raque fortemente comprimida lateralmente; pedúnculo ca. 6 cm compr., fortemente comprimido lateralmente; espata ca. 1,5 x 0,5 cm, lanceolada, ápice agudo; brácteas do pedúnculo e florais rômbicas, ca. 1 x 0,2 cm, amplexivas sobre o pedúnculo e à raque, respectivamente, ápice agudo. Flores pediceladas, pedicelo inconspícuo; sépala dorsal linear, ca. 1,4 x 0,2 cm, carnosa, face dorsal fortemente quilhada, côncava, inflexa, ápice agudo; sépalas laterais lineares, ca. 1,4 x 0,2 cm, carnosas, face dorsal fortemente quilhada, coalescentes até próximo ao ápice em sinsépalo; sinsépalo lanceolado ca. 1,4 x 0,4 cm, côncavo, inflexo, base adnata ao pé da coluna, formando um mento; pétalas sub-oblongas, ca. 7 x 2 mm, assimétricas, margem do terço distal ciliada, superfície verrucosa próximo ao ápice, base conata ao pé da coluna, ápice agudo; labelo inteiro, elíptico, ca. 1 x 0,2 cm, com duas projeções alares basais voltadas para o centro do labelo e duas lamelas longitudinais paralelas às margens do labelo; coluna claviforme, ca. 5 mm compr., curva, alada, ápice sub-rostrado, eroso; estigma inteiro, ventral; antera oval, ventral; polínias piriformes. Fruto imaturo verde, matizado de castanho, ca. 1 cm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, 6.II.2004, fr., *Menini Neto et al. 118* (CESJ), idem, fl. cult. IX.2006, fl., *Menini Neto et al. 434* (CESJ).

Distribuição geográfica: Equador, Bolívia, Peru e Brasil, na Região Sudeste e no Paraná.

Pleurothallis tricarinata é uma espécie epífita, de interior de mata, sendo freqüentemente encontrada em matas ciliares. No PEIB ocorre apenas no interior da Mata Grande próximo à extremidade contígua à Matinha, formando touceira em tronco de árvore de baixo porte, entre musgos e líquens. Diferencia-se das demais espécies de *Pleurothallis* do Parque em vista de seus ramicaules, inflorescência e flores fortemente comprimidas lateralmente, além de possuir as sépalas com quilhas muito desenvolvidas. Frequentemente encontrada nos herbários identificada como *P. platystachys* Regel, nome considerado sinônimo por Luer (2004).

***Stelis* Sw.**

Ervas epífitas ou saxícolas. Folha freqüentemente estreitada na base formando um pseudopecíolo. Inflorescência em racemo, sempre pluriflora, surgindo no ápice do ramicaule, próximo à base da folha; flores geralmente muito reduzidas;

sépalas conatas em maior ou menor grau, comumente formando um sinsépalo triangular; pétalas usualmente muito pequenas, com a margem engrossada, dispostas lateralmente à coluna e ao labelo; labelo usualmente muito pequeno, carnoso; coluna curta e larga; antera e estigma apicais, estigma geralmente bilobado, polínias 2, caudícula granulosa, pouco desenvolvida (Garay 1979; Luer 1986a).

Stelis é um gênero com ampla distribuição na América tropical e abriga cerca de 500 espécies (Luer 1986a). As flores da grande maioria das espécies são bastante características, sendo as sépalas unidas entre si na base, em maior ou menor grau, formando um sinsépalo relativamente plano, de forma próxima a de um triângulo, tendo na região central as pétalas e o labelo, freqüentemente muito pequenos. Porém com a proposta de Pridgeon & Chase (2001) que desmembrou *Pleurothallis*, muitas espécies atribuídas a este gênero foram realocadas sob *Stelis*, modificando os caracteres que o define, posicionamento não adotado neste trabalho.

O trabalho mais abrangente realizado com *Stelis* é o de Garay (1979) onde são apresentados tratamento taxonômico e ilustrações das flores de uma porcentagem expressiva das espécies. Pabst & Dungs (1975) apontaram cerca de 60 espécies para o Brasil, mas em decorrência das sinonímias feitas por Garay (1979), este número necessita ser revisto.

20. *Stelis aprica* Lindl., Companion Bot. Mag. 2: 353. 1836.

Fig. 8 F-L.

Erva epífita, cespitosa, declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 3-9 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, tubulosas, 0,8-3,4 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escura, oblanceolada, 3,6-11,6 x 0,6-1 cm, cartácea, base canaliculada, ápice tridentado. Inflorescência 7,6-13 cm compr., 30-70-flora, curva, laxa, axilar; pedúnculo ca. 1 cm compr.; espata estramínea, lanceolada, ca. 1,3 x 0,6 cm, ápice agudo; brácteas do pedúnculo e florais ca. 1 x 1 mm, estramíneas, rômbicas, amplexivas sobre o pedúnculo e a raque, respectivamente, ápice agudo. Flores pediceladas; pedicelo ca. 0,5 mm compr.; sépalas verde-claras, amareladas, elípticas, ca. 1,5 x 1 mm, levemente convexas, ápice agudo; sinsépalo ca. 3 x 3 mm; pétalas verde-claras, amareladas, rômbicas, ca. 0,5 x 0,5 mm, levemente côncavas, ápice agudo; labelo verde-claro, amarelado, trilobado, carnoso, lobos laterais formando uma base quadrada, lobo mediano triangular, côncavo, recurvado para frente, ápice agudo; coluna ca. 0,5 x 0,5 mm, verde-clara; estigma bilobado; antera transversalmente elíptica, verde-clara; polínias piriformes, amarelas; ovário ca. 1 mm compr. Fruto imaturo verde, fusiforme; ca. 5 mm compr., perianto persistente.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, Serra de Ibitipoca, 12.V.1970, fr., *Krieger s.n.* (CESJ 8593); PEIB, mata da Gruta do Pião, 9.III.2004, fl., *Menini Neto et al. 127* (CESJ, R, RB).

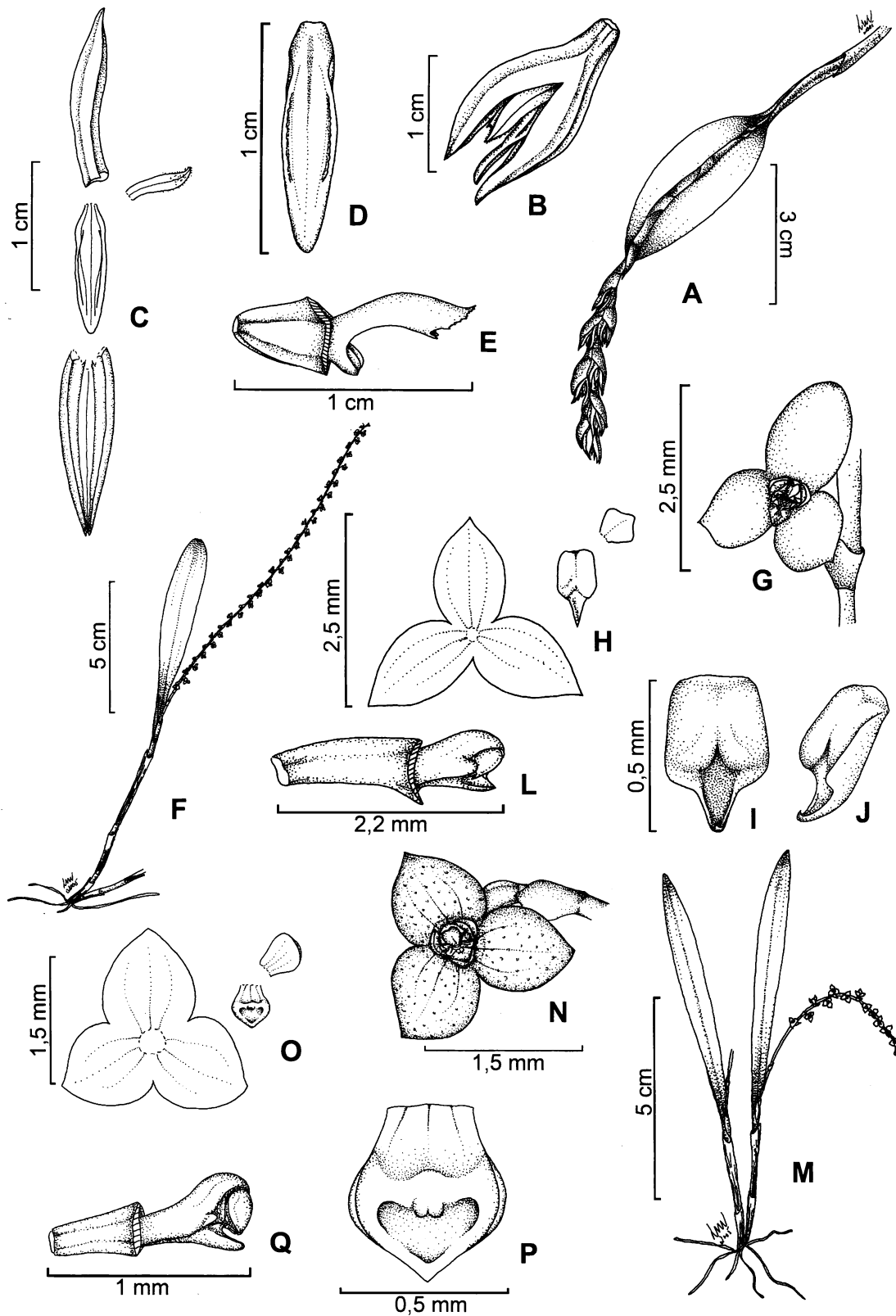


Fig. 8. A-E. *Pleurothallis tricarinata*. A: Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E: Coluna e ovário. F-J. *Stelis aprica*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Vista lateral do labelo. L: Coluna e ovário. M-Q. *Stelis intermedia*. M: Hábito. N: Flor. O: Perianto dissecado. P: Labelo. Q: Coluna e ovário. (A-E. Menini Neto et al. 434, F-L. Menini Neto et al. 127, M-Q. Menini Neto et al. 159).

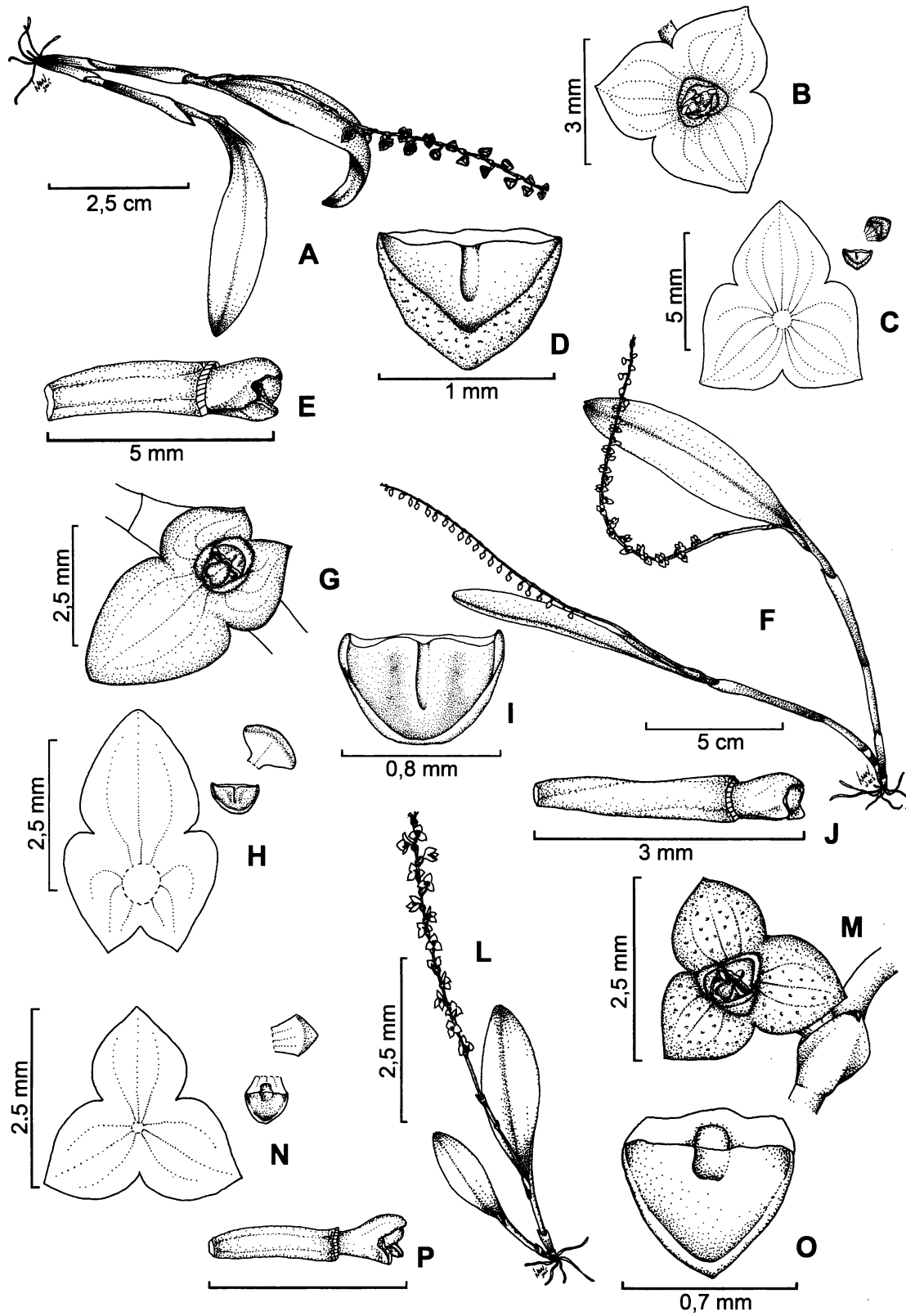


Fig. 9. A-E. *Stelis megantha*. A: Hábito. B: Flor. C: Perianto dissecado. D: Labelo. E: Coluna e ovário. F-J. *Stelis papaquerensis*. F: Hábito. G: Flor. H: Perianto dissecado. I: Labelo. J: Coluna e ovário. L-P. *Stelis parvula*. L: Hábito. M: Flor. N: Perianto dissecado. O: Labelo. P: Coluna e ovário (A-E. Menini Neto et al. 148, F-J. Menini Neto et al. 157, L-O. Menini Neto & Alves 78).

Distribuição geográfica: América tropical.

Stelis aprica é uma espécie epífita de interior de mata, ocorrendo em ambientes com luminosidade média e umidade alta. No Parque foi observada nas matas nebulares, formando touceiras nos ramos mais baixos das árvores, junto de outras epífitas. Distingue-se das demais espécies de *Stelis* registradas no PEIB pelas folhas estreitas, oblanceoladas, inflorescência muito longa, portando até 70 flores verde-claras, diminutas, com labelo trilobado, de lobo mediano triangular. Frequentemente encontrada nos herbários identificada como *S. catharinensis* Lindl., nome considerado sinônimo por Garay (1979).

21. *Stelis intermedia* Poepp. & Endl., Nov. Gen. Sp. Pl. 1: 46. 1836.

Fig. 8 M-Q.

Erva epífita, cespitosa, ereta. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 1-2,5 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, tubulosas, 0,6-1,2 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escura, linear, 3,7-6,6 x ca. 0,5 cm, carnosa, ápice tridentado. Inflorescência 3,5-4 cm compr., ca. 10-flora, curva, laxa, axilar; pedúnculo 1-1,5 cm compr.; espata verde-clara, lanceolada, ca. 4 x 2 mm, ápice agudo; brácteas do pedúnculo e florais verde-claras, rômbricas, ca. 1 x 1 mm, amplexivas sobre o pedúnculo e a raque e pedicelo, respectivamente. Flores pediceladas; pedicelo ca. 1 mm compr.; sépala dorsal creme-esverdeada, oval, ca. 1,2 x 1,1 mm, levemente convexas, superfície adaxial verruculosa, ápice agudo; sépalas laterais creme-esverdeadas, ovais, ca. 1,1 x 1,1 mm, levemente convexas, superfície adaxial verruculosa, ápice agudo; sinsépalo ca. 2,5 x 2,5 mm; pétalas creme-esverdeadas, obdeltóides, ca. 0,6 x 0,5 mm, com espessamento na face adaxial próximo ao ápice, ápice truncado; labelo verde-claro amarelado, simples, rômbrico, ca. 5,5 x 5 mm, carnoso, com calo central transversal sulcado, côncavo próximo ao ápice, ápice agudo; coluna ca. 0,5 x 0,5 mm, verde-clara, amarelada; estigma bilobado; antera sub-esférica, verde-clara; polínias piriformes, amarelas; ovário ca. 0,7 mm. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, fl. cult. VII.2004, fl., *Menini Neto et al.* 159 (CESJ, R).

Distribuição geográfica: Pabst & Dungs (1975) citaram *Stelis intermedia* para o norte da América do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Garay (1979) colocou na sinonímia de *S. intermedia* duas espécies aceitas como distintas por Pabst & Dungs (1975), *S. drosophila* Barb. Rodr. e *S. dusenii* Garay. Desse modo, a distribuição de *S. intermedia* em território brasileiro deve ser alterada, para incluir a distribuição atribuída a esses dois sinônimos, ampliando-se para os demais estados das Regiões Sudeste e Sul do país.

Stelis intermedia é uma espécie epífita, ocorrendo em interior de matas ombrófilas, matas ciliares, matas nebulares

ou mata de restinga. No PEIB foi registrada no interior da Mata Grande, junto a outras epífitas em galho de árvore caído. Difere das demais espécies pelas folhas lineares e inflorescência curva, com cerca de 10 flores verde-claras.

22. *Stelis megantha* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orchid. 2: 83. 1881.

Fig. 9 A-E.

Erva epífita, cespitosa, declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 1,5-11,8 cm compr.; bainhas do ramicaule estramíneas ou castanhas, tubulosas, 1-5,8 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escura, elíptica, 4,4-18,3 x 1,4-3,5 cm, cartácea, base canaliculada, ápice tridentado. Inflorescência 12,4-23 cm compr., 10-15 flores, curva, laxa, axilar; pedúnculo 5,3-8,4 cm compr.; espata estramínea, oval, 1,4-2,6 x ca. 0,8 cm, ápice acuminado; brácteas do pedúnculo e florais 3-7 x 2-4 mm, estramíneas, rômbricas, amplexivas sobre o pedúnculo e a raque e pedicelo respectivamente. Flores pediceladas; pedicelo ca. 3 mm compr.; sépala dorsal verde-acastanhada, oval, ca. 4 x 4 mm, ápice agudo; sépalas laterais verde-acastanhadas, ovais, ca. 4 x 4 mm, levemente assimétricas, ápice agudo; sinsépalo ca. 8 x 6 mm; pétalas vináceo-acastanhadas, rômbricas, ca. 1 x 1 mm, com um espessamento papiloso próximo ao ápice, ápice arredondado; labelo vináceo-acastanhado, simples, triangular, ca. 1 x 1 mm, carnoso, levemente côncavo, com um espessamento papiloso próximo ao ápice, ápice agudo; coluna ca. 1 x 1,5 mm, rósea; estigma bilobado; antera transversalmente elíptica, rósea; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 4 mm. Fruto maduro verde, globoso, ca. 1 cm compr.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, III.1994, fl., *Forzza et al.* 60 (CESJ); idem, 30.III.2004, fl., *Menini Neto et al.* 148 (CESJ, R).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Stelis megantha é uma espécie epífita, de interior de mata, habitando locais sombreados e com alta umidade. No PEIB foi encontrada apenas no interior da Mata Grande e na extremidade contígua à Matinha, formando grandes touceiras, frequentemente próximo dos cursos d'água. Difere das demais *Stelis* ocorrentes no PEIB pelo porte robusto e pelas flores, que fazem jus ao nome, por estarem entre as maiores flores observadas no gênero. Frequentemente encontrada nos herbários identificada como *S. macrochlamys* Hoehne & Schltr., nome considerado sinônimo por Pabst & Dungs (1975) e Garay (1979).

23. *Stelis papaquerensis* Rchb. f., Linnaea 22: 822. 1849.

Fig. 9 F-J.

Erva epífita, cespitosa. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 4,5-8,5 cm compr.; bainhas do ra-

ramicaule castanhas, tubulosas, 1,1-4 cm compr., amplexicaules, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escuro, elíptica, 6,1-11 x 1,1-2 cm, coriácea, ápice tridentado, pseudopécio ca. 1,3 cm compr., canaliculado. Inflorescência 9,5-16 cm compr., ca. 20-30-flora, levemente curva, laxa, axilar; pedúnculo 4-5,4 cm compr.; espata estramínea, lanceolada, 0,6-1,8 x ca. 0,4 cm, amplexiva, ápice agudo; brácteas do pedúnculo creme-esverdeadas, ovais, ca. 4 x 2 mm, amplexivas, ápice acuminado; brácteas florais creme, rômbicas, ca. 1 x 1 mm, membranáceas, amplexivas sobre a base do pedicelo e a raque, ápice apiculado. Flores simultâneas, pediceladas; pedicelo ca. 1 mm compr.; sépala dorsal verde-clara, oval, ca. 2,5 x 2 mm, ápice arredondado; sépalas laterais verde-claras, ovais, ca. 2 x 1 mm, assimétricas, ápice agudo; sinsépalo ca. 4 x 2,5 mm; pétalas verde-claras, reniforme-espauladas, ca. 1,1 x 8 mm, ápice arredondado; labelo verde-claro a levemente amarelado, simples, semicircular, ca. 0,5 x 0,8 mm, carnoso, levemente côncavo, calo sulcado, ápice arredondado; coluna ca. 0,7 x 1 mm, verde-clara a amarelada; estigma bilobado; antera transversalmente elíptica, amarelo-claro a esverdeada; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 2,5 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, Mata Grande, fl. cult. V.2004, fl., *Menini Neto et al.* 157 (CESJ, R, RB).

Distribuição geográfica: Pabst & Dungs (1975) registraram esta espécie para os estados do Amazonas, Pernambuco e Minas Gerais, além da Venezuela. No entanto, Garay (1979) atribuiu vários sinônimos a *Stelis papaquerensis*, de forma que sua distribuição em território brasileiro é maior do que a apresentada por Pabst & Dungs (1975), incluindo os estados das Regiões Sudeste (exceto Espírito Santo) e Sul do país.

Stelis papaquerensis ocorre como epífita, no interior de matas úmidas e sombreadas. No PEIB foi registrada no interior da Mata Grande, junto a outras epífitas nos ramos de árvores mais baixas. Apresenta inflorescências longas, portando 20-30 flores verde-claras, com a sépala dorsal de forma e tamanho diferentes do que as sépalas laterais.

24. *Stelis parvula* Lindl., Folia Orch. 8: 7. 1879.
Fig. 9 L-P.

Erva epífita, cespitosa, ereta ou declinada. Rizoma inconspícuo. Ramicaule cilíndrico, verde-escuro, 0,4-2,4 cm compr.; bainhas do ramicaule castanhas, tubulosas, ca. 0,3 x 1,3 cm, amplexicaules, recobrando até próximo ao ápice do ramicaule, ápice agudo. Lâmina foliar verde-escuro, espaulada, 1,7-3 x 0,4-1 cm, coriácea, base canaliculada, ápice tridentado. Inflorescência 3,3-7,4 cm compr., ca. 10-flora, ereta a levemente curva, laxa, axilar; pedúnculo 1-2 cm compr.; brácteas do pedúnculo e florais ca. 3 x 1 mm, estramíneas, rômbicas, amplexivas sobre o pedúnculo e sobre a raque e pedicelo respectivamente, ápice acuminado.

Flores pediceladas; pedicelo ca. 1 mm compr.; sépala dorsal verde-clara a amarelada, oval, 1,3 x 1,3 mm, ápice agudo; sépalas laterais verde-claras a amareladas, ovais, ca. 1 x 1,2 mm, face adaxial papilosa, ápice agudo, sinsépalo ca. 3 x 3 mm; pétalas vináceas, rômbicas, ca. 0,8 x 0,8 mm, côncavas, área distal espessada, ápice agudo; labelo vináceo, simples, triangular, ca. 0,1 x 0,7 mm, carnoso, metade distal côncava, papilosa, com calo longitudinal na metade basal; coluna ca. 0,6 x 0,6 mm, vinácea; estigma bilobado; antera transversalmente elíptica, rósea; polínias amarelas, piriformes; ovário ca. 0,5 mm compr. Fruto não visto.

Material examinado: Minas Gerais, Lima Duarte, PEIB, mata da Gruta dos Três Arcos, X.1994, bot., *Forzza et al.* 64 (CESJ); mata da Gruta do Monjolinho, X.1994, bot., *Forzza et al.* 52 (CESJ); idem, 18.X.2003, bot., *Menini Neto et al.* 25 (CESJ); mata da Gruta do Pião, 2.XII.2003, fl., *Menini Neto & Alves* 78 (CESJ, R, RB).

Distribuição geográfica: anteriormente citada apenas para o México e América Central (World Checklist of Monocots 2004), *S. parvula* foi referida para o Brasil por Toscano-de-Brito (1995). Os materiais examinados nos herbários indicam que além da Bahia, esta espécie também ocorre no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

Stelis parvula é uma espécie epífita, de interior e borda de mata nebulosa, em locais com alta umidade e luminosidade média. Foi observada em vários pontos do Parque sempre acima de 1400m de altitude. Distingue-se das demais *Stelis* do Parque pelo tamanho reduzido, sendo a menor dentre as espécies do gênero na área, brácteas florais destacadas, grandes em relação às flores, flores com sépalas verde-claras a amareladas e pétalas e labelo vináceos. Toscano-de-Brito (1995) fez o primeiro registro desta espécie para o Brasil e afirmou que os espécimes do Pico das Almas são idênticos ao material tipo de *S. parvula*. O material examinado para o Parque está de acordo com um dos materiais citados e com a descrição apresentada na referida flora (Harley *et al.* 26924), sendo também semelhante à ilustração apresentada por Garay (1979) para a espécie. Além do material coletado no Parque, algumas coleções indeterminadas depositadas nos herbários são também muito semelhantes ao material do Pico das Almas. Forzza *et al.* (1994) citaram esta espécie como *Stelis* sp. e Menini Neto & Forzza (2002) citaram como *S. drosophila*.

Agradecimentos

Ao IEF-MG, em especial à administração e aos funcionários do Parque por todo apoio e incentivo para o desenvolvimento deste trabalho. À FAPERJ pela bolsa concedida ao primeiro autor (processo E-26/151779/2003). Aos pesquisadores Fábio de Barros, Marcus Nadruz e Andrea Costa, e a um revisor anônimo pelas valiosas sugestões.

Referências

- ALVES, R.J.V. 1991. *Guia de campo das orquídeas da Serra de São José, MG, Brasil*. Tropicalcafe.
- ANDRADE, P.M. & SOUSA, H.C. 1995. Contribuição ao conhecimento da vegetação do Parque Estadual de Ibitipoca, Lima Duarte, Minas Gerais. *Revista Árvore* 19(2): 249-261.
- ATWOOD, J.T. 1986. The size of the Orchidaceae and the systematic distribution of the epiphytic orchids. *Selbyana* 9: 171-186.
- BARROS, F. 1996. Notas taxonômicas para as espécies brasileiras dos gêneros *Epidendrum*, *Platystele*, *Pleurothallis* e *Scaphyglottis* (Orchidaceae). *Acta Bot. Bras.* 10(1): 139-151.
- CARVALHO, L.M.T., FONTES, M.A. & OLIVEIRA FILHO, A. 2000. Tree species distribution in canopy gaps and mature Forest in an area of cloud Forest of the Ibitipoca Range, south-eastern Brazil. *Plant Ecol.* 149: 9-22.
- CETEC. 1983. *Diagnóstico ambiental de Minas Gerais*. CETEC. Belo Horizonte.
- CHRISTENSON, E. 2004. Orchidaceae. In: N. Smith, S. Mori, A. Henderson, D.W. Stevenson & S.V. Heald (eds) *Flowering Plants of Neotropics*. Princeton University Press. Princeton, p. 465-468.
- COGNIAUX, A. 1893-1896. Orchidaceae. In C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban (eds.). *Flora brasiliensis* Frid. Fleischer. Leipzig, vol. 3, pars 4, p. 1-672.
- CORRÊA NETO, A.V. 1997. Cavernas em quartzitos da Serra do Ibitipoca, sudeste de Minas Gerais. In G.C. Rocha (coord.) *Anais do 1º Seminário de Pesquisa sobre o Parque Estadual de Ibitipoca*. Núcleo de Pesquisa em Zoneamento Ambiental da UFJF. Juiz de Fora, p. 51-60.
- DRESSLER, R.L. 1993. *Phylogeny and Classification of the Orchid Family*. Dioscorides Press. Portland.
- DRUMMOND, G.M., MARTINS, C.S., MACHADO, A.B.M., SEBAIO, F.A. & ANTONINI, Y. (orgs). 2005. *Biodiversidade em Minas Gerais, um atlas para sua conservação*. ed. 2. Fundação Biodiversitas. Belo Horizonte.
- FERREIRA, M.B. & MAGALHÃES, G.M. 1977. Contribuição para o conhecimento da vegetação da Serra do Espinhaço em Minas Gerais (Serras de Grão Mogol e da Ibitipoca). In *Anais do XXVI Congresso Nacional de Botânica*, 1975. Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro, p. 189-202.
- FONTES, M.A.L. 1997. *Análise da composição florística das florestas nebulares do Parque Estadual de Ibitipoca, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Lavras.
- FORZZA, R.C., BARROS, F. & SALIMENA-PIRES, F.R. 1994. Orchidaceae do Parque Estadual de Ibitipoca, Minas Gerais (*checklist*). *Principia* 1: 125-136.
- GARAY, L.A. 1979. Systematics of the genus *Stelis*. *Bot. Mus. Leaflet* 27: 167-259.
- GENTRY, A.H. & DODSON, C.H. 1987. Diversity and biogeography of neotropical vascular epiphytes. *Ann. Missouri Bot. Gard.* 74: 205-233.
- GIULIETTI, A.M., MENEZES, N.L., PIRANI, J.R., MEGURO, M. & WANDERLEY, M.G.L. 1987. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: caracterização e lista das espécies. *Bol. Bot. Univ. São Paulo* 9: 1-151.
- HARLEY, R.M. & SIMMONS, N.A. 1986. *Florula of Mucugê: Chapada Diamantina – Bahia, Brazil*. Royal Botanic Gardens. Kew.
- HOLMGREN, P.K., HOLMGREN, N.H. & BARNETT, L.C. 1990. *Index Herbariorum: the herbaria of the world*. New York Botanical Garden. New York.
- LINDLEY, J. 1859. *Pleurothallis*. *Folia Orchidacea*. J. Mathews. London.
- LUER, C.A. 1978. *Dryadella*, a new genus in the Pleurothallidinae (Orchidaceae). *Selbyana* 2: 207-209.
- LUER, C.A. 1986a. *Icones Pleurothallidarum I. Systematics of the Pleurothallidinae (Orchidaceae)*. Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 15. Saint Louis.
- LUER, C.A. 1986b. *Icones Pleurothallidarum II. Systematics of Masdevallia (Orchidaceae)*. Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 16. Saint Louis.
- LUER, C.A. 1986c. *Icones Pleurothallidarum III. Systematics of Pleurothallis (Orchidaceae)*. Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 20. Saint Louis.
- LUER, C.A. 2002. A systematic method of classification of the Pleurothallidinae versus a strictly phylogenetic method. *Selbyana* 23(1): 57-110.
- LUER, C.A. 2004. *Icones Pleurothallidarum XXVI. Systematics of Pleurothallis subgenus Acianthera and three allied subgenera; A second century of new species of Stelis of Ecuador; Epibator, Ophidion, Zootrophion*. Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 95. Saint Louis.
- LUER, C.A. 2006. *Icones Pleurothallidarum XXVIII, A Reconsideration of Masdevallia; Systematics of Specklinia and Vegetatively Similar Taxa*. Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden 105. Saint Louis.
- MENINI NETO, L. & FORZZA, R.C. 2002. Orquídeas do Parque Estadual de Ibitipoca. *Boletim CAOB* 48: 35-40.
- MILWARD-DE-AZEVEDO, M.A. 2007. Passifloraceae do Parque Estadual de Ibitipoca, Minas Gerais. *Bol. Bot. Univ. São Paulo* 25(1): 71-79.
- PABST, G.F.J. & DUNGS, F. 1975. *Orchidaceae Brasilienses*. Band I. Kurt Schmiersow. Hildesheim.
- PERON, M.V. 1989. Listagem preliminar da flora fanerogâmica dos campos rupestres do Parque Estadual do Itacolomi – Ouro Preto/Mariana, MG. *Rodriguésia* 67(41): 63-69.
- PIRANI, J.R., GIULIETTI, A.M., MELLO-SILVA, R. & MEGURO, M. 1994. Checklist and patterns of geographic distribution of the vegetation of Serra do Ambrósio, Minas Gerais, Brazil. *Revta. Brasil. Bot.* 17(2): 133-147.
- PIRANI, J.R., MELLO-SILVA, R. & GIULIETTI, A.M. 2003. Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais, Brasil. *Bol. Bot. Univ. São Paulo* 21(1): 1-24.
- PRIDGEON, A.M. 1982. Numerical analyses in the classification of the Pleurothallidinae (Orchidaceae). *Bot. J. Linn. Soc.* 85: 103-131.
- PRIDGEON, A.M. & CHASE, M.W. 2001. A phylogenetic reclassification of Pleurothallidinae (Orchidaceae). *Lindleyana* 16(4): 235-271.
- PRIDGEON, A.M., SOLANO, R. & CHASE, M.W. 2001. Phylogenetic relationships in Pleurothallidinae (Orchidaceae): Combined evidence from nuclear and plastid DNA sequences. *Amer. J. Bot.* 88(2): 2286-2308.
- RODELA, L.C. 1998. Cerrados de altitude e campos rupestres do Parque Estadual de Ibitipoca, sudeste de Minas Gerais: distribuição e florística por subfisionomias da vegetação. *Revta Depart. Geografia USP* 12: 163-189.
- RODRIGUES, J.B. 1877. *Genera et Species Orchidearum Novarum*. vol. 1. Typographia Nacional. Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, J. B. 1882. *Genera et Species Orchidearum Novarum*. vol. 2. Typographia Nacional. Rio de Janeiro.
- SAINT-HILAIRE, A.F.C. 1822. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*. (Trad. Vivaldi Moreira, 1974). Ed. Itatiaia. Belo Horizonte/ EDUSP. São Paulo.

- SALIMENA-PIRES, F.R. 1997. Aspectos fisionômicos e vegetacionais do Parque Estadual de Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. In G.C. Rocha (coord) *Anais do 1º Seminário de Pesquisa sobre o Parque Estadual de Ibitipoca*. Núcleo de Pesquisa em Zoneamento Ambiental da UFJF. Juiz de Fora, p. 51-60.
- SILVEIRA, A.A. 1928. *Floralia Montium*. vol 2. Imprensa Oficial. Belo Horizonte.
- STANNARD, B.L. (ed) 1995. *Flora of the Pico das Almas – Chapada Diamantina, Bahia, Brazil*. Royal Botanic Gardens. Kew.
- TOSCANO-DE-BRITO, A.L.V. 1995. Orchidaceae. In B.L. Stannard (ed.) *Flora of the Pico das Almas – Chapada Diamantina, Bahia, Brazil*. Royal Botanic Gardens. Kew, p. 725-767.
- URBAN, I. 1906. Vitae Itineraque Collectorum Botanicorum, Notae Collaboratorum Biographicae, Florae Brasiliensis Ratio Edendi Chronologica, Systema, Index Familiarum. In C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban (eds.) *Flora brasiliensis*. Frid. Fleischer. Leipzig, vol. 1, pars. 1, p. 1-487.
- VITTA, F. 2002. Diversidade e conservação da flora nos campos rupestres da Cadeia do Espinhaço em Minas Gerais. In E.L. Araújo, A.N. Moura, E.V.S.B. Sampaio, L.M.S. Gestinari & J.M.T. Carneiro (eds.) *Biodiversidade, conservação e uso sustentável da flora do Brasil*. UFRPE / SBB. Recife, p. 90-94.
- WORLD CHECKLIST OF MONOCOTS 2004. The Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; <http://www.kew.org/monocotChecklist/> (acessado em 26 de maio de 2005).
- ZAPPI, D.C., LUCAS, E., STANNARD, B.L., NIC-LUGHADHA, E., PIRANI, J.R., QUEIROZ, L.P., ATKINS, S., HIND, D.J.N., GIULIETTI, A.M., HARLEY, R.M. & CARVALHO, A.M. 2003. Lista das plantas vasculares de Catolés, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Bol. Bot. Univ. São Paulo* 21(2): 345-389.